eu não estava destinado a estar só e sem

você que entende

Prefácio sobre homens negros

não dê valor à moda(don’t believe the hype)

Quando mulheres se juntam e falam sobre homens, as notícias são quase sempre ruins. Se o tópico ficar mais específico e o foco for em homens negros as notícias são mais ruins. Apesar de todos os avanços em direitos civis em nossa nação, movimento feminista, libertação sexual, quando a lupa está em homens negros a mensagem é geralmente que eles de alguma forma ficaram empenhados, que como um grupo eles não evoluiram com os tempos. O influente jornalista negro Ellis Cose faz pouco para enfraquecer essa imagem da masculinidade negra em seu livro recente “*A inveja do mundo: Sobre ser um homen negro na américa*”(O título citado na obra original é “*The Envy of the World: On Being a Black Man in America”*). Mesmo assim seu livro foi mais espalhado e recebeu mais atenção que muitos outros trabalhos recentes que focam em homens negros.

Identificando homens negros como um “grupo à parte” no prefácio, Cose dá essa ideia:

> *Muitos de nós estamos perdidos nessa América do século 21. Nós estamos menos certos de nosso lugar no mundo que nossos antecessores, em parte por causa de nossas opções, nossas escolhas potenciais são muito mais grandiosas do que as deles. Então nós estamos presos num paradoxo. Nós sabemos, por mais que sejamos ou não capazes de admitir abertamente, que de muitos jeitos as coisas estão melhores do que sempre estiveram para nós. Esse é um tempo, então, em que o afro-americano [masculino] pode ser secretário de estado e, possivelmente, até presidente. As antigas barreiras que nos bloqueavam a cada passo finalmente caíram pra longe – ou elas se abriram o suficiente para permitir que alguns de nós passassem. Mas apesar de que está completamente dentro de nosso poder, coletivamente e individualmente, atingir um nível de sucesso que seria no máximo inimaginável para a maioria dos nossos antepassados, muitos de nós estamos condenados a fracassar.*

Enquanto o Cose, de um jeito eloquente, identifica muito dos problemas, ele não oferece visão de como homens negros poderiam criar novos e diferentes conceitos de si mesmos.

O capítulo final, que tem o nome de "*Doze Coisas que Você deve saber para sobreviver e vencer na América*"[1], oferece as suas "novas leis do mundo", suas chaves para sobreviver, ou os "mandamentos" do Cose, ou se você preferir "verdades difíceis dessa nova era." As "verdades duras" são na real conselhos simples do senso comum sobre como ir levando no mundo quando enfrentar realidades complicadas. Ele encoraja homens negros a parar de reclamar, parar de culpar outros pela sua situação difícil, pedir por ajuda, e ficar longe de associados tóxicos. A "verdade dura número 11" diz "mesmo se você tiver que fingir, mostre alguma fé em você". Cose conclui seu livro com essas palavras: "esse trabalho é de propósito menos preocupado com o que é do sistema, com as grandes mudanças sociais necessárias, do que com o que é pessoal, com algumas coisas que você poderia querer considerar enquanto descobre como viver sua vida". "*A inveja do mundo"* (tradução ao pé da letra, original: "*The Envy of the World"* é uma análise cultural decepcionante das dificuldades dos homens negros precisamente porque Cose falha ao ligar o pessoal, tudo que está acontecendo na vida cotidiana dos homens negros, com a política, com os movimentos progressivos por justiça social que oferecem estratégicas teóricas e práticas que poderiam ser usadas para melhorar o bem estar emocional dos homens negros e aumentar as chances deles de viver bem e de forma completa.

Apesar do apelo direto dele aos homens negros em seu último capítulo, a linguagem do livro de Cose é a de observador sem emoção ou desapaixonado. O livro oferece o tipo de visão de cima incompleta da masculinidade negra que sugere que seus leitores simplesmente não tem a menor ideia das experiências de homens negros. Até o nome escolhido pro livro, que foi tirado do romance *Sula* de Toni Morrison, sugere uma audiência de machos não negros olhando pelas lentes da inveja deles. O livro de Cose certamente deixa eles saberem que eles não tem nada pra invejar. No romance uma mulher negra está castigando um homem negro por ele ter sugerido que não está recebendo atenção suficiente. Ela fala:

> *Tipo, eu não sei do que se trata essa confusão. Tipo, tudo no mundo ama você. Homens brancos amam você. Eles gastam tanto tempo se preocupando com o seu pênis que esquecem dos deles.... E mulheres brancas? Elas perseguem vocês para os quatro cantos da terra, sentem por você debaixo de cada cama.... Mulheres de cor adoecem de preocupação só de tentar se agarrar aos seus pulsos. Até pequenas crianças, brancas e negras, meninos e meninas – gastam todo o tempo delas roendo seus corações pra fora porque você não ama elas. E se isso não for suficiente, vocês amam vocês mesmos. Nada no mundo*

[1] O nome na obra original do capítulo é "*Twelve Things You Must Know to Survive and Thrive in America,"*.

ama um homem negro mais que outro homem negro.... Pra mim parece que você é a inveja do mundo.

Apesar de seduzente no modo como usa a palavra *amor*, uma análise mais certa mostra que o que realmente está sendo descrito não é amor, sim desejo. Possivelmente o que homens negros que reclamam querem que o mundo escute é que inveja e desejo não são coisas do amor.

Tristemente, a verdade real, que também é um tabu, é que essa é uma cultura que não ama homens negros, que eles não são amados por homens brancos, mulheres brancas, homens negros, ou meninas e meninos. E que especialmente a maioria dos homens negros não amam eles mesmos. Como eles poderiam, como se pode esperar eles amar cercados por tanta inveja, desejo, ódio? Homens negros na cultura do imperialismo branco supremacista capitalista patriarcal são temidos mas não são amados. Óbvio que a confusão dessas duas coisas faz parte da lavagem cerebral que ocorre em uma cultura de dominação. Se crescendo por meio de laços sadomasoquistas, culturas de dominação fazem que o desejo por o que é ruim se pareça com carinho, com amor. Se homens negros fossem amados eles poderiam ter a esperança de algo mais que uma vida trancados, emprisionados, confinados; eles poderiam se imaginar além da contenção.

Seja em uma prisão de verdade ou não, praticamente todo homen negro nos estados unidos foi forçado em algum momento em sua vida a prender a pessoa que ele quer expressar, reprimir e conter por medo de ser atacado, morto, destruído. Homens negros muitas vezes existem em uma prisão da mente incapazes de encontrar o seu jeito de sair fora. Na cultura patriarcal, todos os homens aprendem uma atuação que restringe e confina. Quando a raça e a classe entram na cena, junto com o patriarcado, então machos negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero.

Vistos como animais, brutos, nascidos para estuprar, e assassinos, homens negros não têm tido real chance de falar quando se trata o jeito como são representados. Eles fizeram algumas intervenções no estereótipo. Como uma consequência, eles se tornam vítimas de estereótipos que foram articulados primeiro no século dezenove mas que dominam as mentes e imaginações de pessoas dessa nação no dia de hoje. Homens negros que recusam categorização são raros, o preço da visibilidade no mundo comtemporâneo da supremacia branca é que a identidade do homen negro seja definida em relação ao estereótipo seja pelo incorporamento dele ou pela busca de ser diferente disso. No centro do jeito como se constrói a identidade do homem negro no patriarcado capitalista supremacista-branco está a imagem do bruto – indomado, não civilizado, sem pensamento, e sem sentimento.

Estereótipos negativos sobre a natureza da masculinidade negra continuam a superdeterminar as identidades que homens negros são

permitidos escolherem e promoverem para eles mesmos. A subcultura radical da masculinidade negra que começou a subir como uma consequência natural do ativismo anti-racista militante apavorou a américa branca racista.Enquanto homens negros eram considerados selvagens incapazes de subir por cima de sua natureza animal, eles podiam ser vistos como uma ameaça que facilmente se pode controlar. Era o homem negro procurando liberdade das correntes patriarcais capitalistas supremacistas-brancas imperialistas que tinha de ser apagado. Esse homem negro potencialmente rebelde, revolucionário, líder do povo não se poderia permitir prosperar. Mais que qualquer outro homem negro que chegou ao poder em nossa nação, Malcolm X incorporou a negra e máscula negação da permissão que sua identidade fosse definida por um sistema de dominação de raça, gênero e classe. Ele foi o exemplo que jovens negros dos anos sessenta seguiram enquanto lutávamos para nos educar buscando uma consciência crítica. Nós estudamos as palavras de Malcolm, aceitando que ele nos deu permissão de nos libertarmos, de libertar o homem negro por quaisquer meios necessários.

Não há nenhuma menção ao legado de Malcolm X na discussão que Ellis Cose faz da identidade do homem negro. Os anos turbulentos do poder negro (black power) são lembrados por Cose como marcados pelo assassinado de Fred Hampton. Ele relembra: “Para mim, a execução disse muito sobre o valor da vida do homem negro na América, sbore como fascilmente pessoas poderiam justificar a extinção dessa vida. Mas também diz muito sobre medo; medo da ira justa de jovens homens negros; medo do poder potencial, borbulhando abaixo do sistema no coração alienado dos despossuídos.” Isso combina com a narrativa conservadora de Cose... deixar passar a oportunidade de discutir daqueles indivíduos negros e homens que conseguiram corajosamente descolonizar suas mentes e inventaram identidades em resistência que transcende estereótipos. Esses homens negros, como W.E.B. DuBois e Malcolm X, não mediam seu sucesso ou fracasso em termos de riqueza ou fama. O legado deles tem pouco significado para as massas contemporâneas de homens negros porque eles lutaram para desafiar e mudar o sistema; eles não estavam tentando fazer o sistema funcionar para eles.

Sabiamente, homens negros radicais individuais entenderam e entendem que o imperialismo supremacista-branco capitalista patriarcal é um sistema interrelacionado de dominação que nunca irá empoderar completamente homens negros. Agora mesmo aquele sistema está simbolicamente linchando massas de homens negros, enforcando suas vidas, tornando impossível para eles aprender habilidades básicas de leitura e escrita na infância; promovendo o vício enquanto o sistema de empresas livres trabalha pra providenciar riqueza sem precedentes para poucos da dor coletiva de muitos, que, com rara sorte, conseguem um consolo rápido; promovendo desemprego por toda parte; pela contínua atração psicológica de

comportamentos masculinos patriarcais ameaçadores da vida. Qualquer um que diga que está preocupado com o destino do homens negros nos estados unidos que não falar sobre a necessidade deles radicalizarem as consciências deles para desafiar o patriarcado se eles quiserem sobreviver e florescer está conspirando com o sistema existente ao manter homens negros nos lugares que agora estão, psicologicamente bloqueados, bloqueados.

Hoje deveria ser óbvio para qualquer pensador e autor que fala de homens negros que a ameaça genocida primária, a força que coloca em risco a vida do homem negro, é a masculinidade patriarcal. Por mais de trinta anos um aspecto do meu ativismo político tem sido trabalhar para educar um público massivo sobre o impacto do patriarcado e do sexismo na vida das pessoas negras. Como uma defensora das política feministas, eu tenho consistentemente chamado atenção para a necessidade dos homens criticarem o patriarcado, se envolverem na formação do movimento feminista e abordando a libertação masculina. Em um texto escrito mais de dez anos atrás chamado “Reconstruindo Masculinidade Negra”, eu sugeri que “nós podemos quebrar a vida que a masculinidade patriarcal estranguladora ameaçadora da vida impõe aos homens negros e criar visões sustentadoras da vida de uma masculinidade negra reconstruída que possa providenciar aos homens negros caminhos para poupar suas mentiras e as vidas de seus irmãos e irmãs que estão na correria.” Ainda assim apesar desse trabalho e trabalho similar de Michele Wallaca, Gary Lemons, Essex Hemphill, além de outros defensores das políticas feministas, nosso trabalho não influenciou os textos mais notáveis sobre masculinidade negra, que continuam a empurrar a noção de que tudo que os homens negros precisam fazer para sobreviver é virarem melhores patriarcas.

A negação do público da verdade que diz que a situação difícil dos homens negros, jovens e velhos, é piorada com a conspiração de todos aqueles que expressam preocupação, que até oportunisticamente se levantam para a ocasião por derramar um holofote na masculinidade negra, enquanto negando dizer a verdade sobre o que deve acontecer para mudar essa situação. Conservadores e radicais parecem serem melhores em falar sobre a dificuldade do homen negro do que em nomear estratégias de resistência que ofereceriam esperança e alternativas importantes. Aqueles de nós, mulheres negras e homens negros, que tem consistentemente falado sobre a necessidade de educar para uma consciência crítica em diversas comunidades negras sobre patriarcado e sexismo raramente recebemos a atenção das grandes mídias quando estamos discutindo a crise da masculinidade negra. Nossas escritas não são mencionadas em livros conservadores que tratam do assunto.

Entretanto quando eu vou para diferentes configurações negras para ensinar e lecionar, homens negros de todas as classes estão na audiência.

Escutando aqueles homens eu escuto e compartilho das suas preocupações que homens negros estão perdendo terreno, que as suas dificuldades estão piorando. Não importa o quanto chamarmos a atenção para a crise da masculinidade negra, não existe ainda uma resposta coletiva. Um sentimento de desespero ameaça exterminar nossa vontade coletiva de criar intervenções positivas a favor dos homens negros. Existe um sentimento geral de cansaço que eu vejo entre meus iguais, um sentimento de que "homens negros simplesmente não entendem". Certamente os homens negros que eu conheço mais intimamente não parecem entender. Nos seus 80 anos de idade meu pai ainda é comprometido com o pensamento e com a ação patriarcal por mais que isso o mantenha isolado dos que ama, apesar de seu sexismo, e suas partes que vem junto que levam violência e abuso, terem arruinado um casamento de mais de cinquenta anos. Meu irmão que conseguiu em sua infância subverter a dominação patriarcal por permanecer emocionalmente consciente ainda luta para se tornar consciente de um ideal inatingível de masculinidade patriarcal, o que dificulta a melhoria de sua vida. Ele aqui e ali se sente confuso e desencorajado. E os homens negros que eu amei como parceiros sofreram a devastação do vício dos pais e a negligência emocional. Apesar de eles serem homens que trabalham duro, que tem boa forma financeira, eles sofrem emocionalmente.

Todos os homens negros que eu amei se veem isolados, cortados fora de qualquer senso de solidariedade de grupo. Eles veem a maioria das lideranças negras masculinas como hipócritas ineficazes que são simplesmente oportunistas buscando ser o número um. Eles compartilham com Michele Wallace a ideia que diz: "quando você olha para o que a mídia aponta como líderes negros, o que você vê é um grupo heterogênio do narcisista, do vagamente ridículo, e do inepto." Eu digo às audiências toda hora que perguntam sobre a escassez de lideranças negras que existem visionários radicais entre nós querendo e sendo capazes de nos liderar na direção da libertação e a vasta maioria dessas pessoas são mulheres negras. Fidelidade ao pensamento sexista sobre o que faz a liderança cria um ponto cego que efetivamente bloqueia massas de pessoas negras de conseguirem usar teorias e práticas libertárias quando essas são oferecidas por mulheres.

Percebendo isso eu tenho tido esperança, junto com outras camaradas mulheres negras radicais, que o indivíduo negro que se preocupa com a luta dos homens negros e que são eles mesmos defensores do pensamento feminista trabalhariam mais para alcançar o grupo dos homens negros. Esse trabalho não tem se aproximado. Toda vida que encontro um irmão pensante radical eu encorajo ele a escrever, a compartilhar sua sabedoria com outros. Muito dos indivíduos negros trabalhando no campo de acabar com a violência masculina contra mulheres e crianças são profissionais em explicar a crise dos homens negros e em encontrar caminhos para a cura, mas eles sentem que

eles não tem tempo para escrever. Não há sequer um pouquinho de literatura anti-patriarcal falando diretamente aos homens negros sobre o que eles podem fazer para se educar para uma consciência crítica, guiando eles no caminho da libertação.

A ausência desse trabalho serve como testemunha futura validando a alegação de que a situação dos homens negros não é levada a sério. Um impressionante corpo de literatura surgiu no despertar das lutas de resistência femininas negras miradas em desafiar sistemas de dominação que estavam nos mantendo exploradas e oprimidas como grupo. Aquela literatura tem ajudado mulheres negras a se empoderarem. Como escritora e também como leitora desse trabalho, eu sei que ele muda vidas para o melhor.

Eu tenho frequentemente ponderado o motivo de nenhum corpo de literatura de resistência tem surgido de homens negros mesmo com eles possuindo revistas e casas de publicação. Eles tem controle sobre a mídia de massa, apesar de relativo. A falha está na falta de radicalização coletiva na parte dos homens negros (a maioria dos homens negros poderosos na mídia são conservadores que fortalecem o pensamento patriarcal). Líderes homens negros carismáticos com uma consciência radical muitas vezes se tornam tão apaixonados pelo seu status único como o homem negro que é diferente que eles falham em compartilhar as boas notícias com outros homens negros. Ou eles permitem serem cooptados – seduzidos pela promessa de maiores prêmios em dinheiro e acesso ao poder da grande mídia, coisas que são o arrego para forçar uma mensagem menos radical.

Como uma mulher negra que liga para a desgraça dos homens negros, eu sinto que eu não posso mais esperar para os irmãos tomarem a liderança e espalhar a palavra. Eu gastei dez anos esperando. E nesses dez anos o sofrimento de homens negros se intensificou. Escrevendo esse livro eu tenho a esperança de adicionar minha voz ao pequeno coral de vozes falando pela libertação do homem negro. Mulheres negras não podem falar pelo homem negro. Nós podemos falar com eles. E por fazer isso incorporar a prática da solidariedade em que diálogo é a base do verdadeiro amor.

Eu cheguei ao meu amor pela masculinidade negra vindo de uma infância onde o homem negro cujo amor eu mais ansiava me considerava com desprezo. Felizmente, papai Gus, o pai da minha mãe, me deu o amor que meu coração ansiava. Calmo, afetuoso, gentil, criativo, um homem de silêncio e paz, ele me ofereceu uma visão da masculinidade negra que corria contra a norma patriarcal. Ele foi o primeiro homem negro radical em minha vida. Ele lançou as bases. Sempre se aproximando de mim com diálogo, sempre apoiando minha ânsia por conhecimendo, sempre me encorajando a falar o que pensava, eu honro o pacto entre nós, as lições de um companheirismo de homem e mulher negra firmados na mutualidade que ele me ensinou por

continuar a dialogar com homens negros, por continuar a fazer o trabalho do amor verdadeiro.

Chapter 1
plantation patriarchy(traduzir)

Ao longo de nossa história nessa nação afro-americanos têm precisado buscar imagens de nossos ancestrais. Quando Ivan Van Sertima mostrou seu incrível trabalho chamado *“eles vieram antes de Colombo”* falando ao mundo sobre os Africanos que se aventuraram para essa terra antes dos Espanhóis colonizadores, esse trampo deveria ter gerado uma revolução nas universidades, mudando o coração de como a história americana é ensinada, particularmente a história afro-americana. Homens negros descolonizados se tocaram que muitos e muitos afro-americanos acreditavam que a ignorância era o coração do racismo praticado contra os negros pelos brancos. Depois que a luta militante dos direitos civis ter guiado para novas formas de saber e aquelas novas formas de saber foram ignoradas pelas elites dentro do sistema de poder, se tornou óbvio que a ignorância não era a raíz da ideia que diz que “branco vale mais que negro”, mas na realidade a raíz dessa ideia era o desejo de manter a dominação do povo negro nesse país e no mundo que parte dos brancos desiluminados tem. Mesmo fazendo quando os brancos fazem filmes populares que dão outra ideia sobre os papeis dos africanos no que muitos dizem ser o novo mundo, a maioria dos cidadãos continuam a acreditar que a história afro-americana começa com a escravidão.

Exploradores africanos vindo para o “novo mundo” antes de Colombo ser homem... O fato que eles não procuraram dominar ou destruir os povos indígenas nativos que estavam morando nessas costas revela que o sentido de masculinidade deles não era definido pelo desejo de dominar e colonizar o pessoal que não era como eles. Os africanos da imaginação no filme “*Amistad”* são homens entendidos espiritualmente sensíveis de sentimentos que sofriam para lidar com os jeitos alienígenas de colonizar dos colonos brancos. Compare e contraste essa imagem imaginária (que é uma atuação baseada em documentos verdadeiros) com a imagem da Africa, dos Africanos , e dos Afro-Americanos interessados em reconhecer as raízes africanas em filmes

como *“Made in américa”* (em português: feita por encomenda) e o mais recente *“Undercover Brother”* (em português: Com a Cor e a Coragem). Nesses filmes o homem negro que é interessado na Africa é mostrado como um palhaço mentiroso e facilmente enganável. No filme, são mostradas versões falsas de ideias afro-centradas. Essas imagens negativas são criadas por homens brancos e negros; elas ajudam a manter a ideia de que branco vale mais que negro.

A maioria das pessoas negras, ainda mais homens negros que tem poder dentro da indústria famosa de filmes, focaram a sua atenção nas falhas do filme *“amistad”* dando a ideia de que não gostaram do filme por ter sido criado por brancos. Pouquíssimos que assistiram estavam afim de defender esse filme por causa da representação radical da masculinidade negra e da África que foram mostradas.

Quando olhamos para diferentes autobiografias feitas ao longo da história, observamos que homens negros não tinham a mesma visão de masculinidade que os homens brancos, até mesmo os homens negros que vinham de sociedades que internamente dividiam os trabalhos – definindo que alguns trabalhos eram para homens e alguns trabalhos eram para mulheres – ou que colocavam a figura masculina como algo um status mais alto. Homens africanos transplantados tiveram que ser ensinados sobre masculinidade patriarcal, que eles tinham o direito de dominar mulheres. Eles tiveram de ser ensinados que é aceitável usar da violência para estabelecer poder patriarcal. A política de gênero da escravidão e da dominação supremacista-branca de homens negros livres foi a escola em que homens negros de diferentes tribos africanas, com diferentes linguagens e sistemas de valores, aprenderam no “novo mundo”, a masculinidade patriarcal.

Escrevendo sobre a evolução do envolvimento de homens negros na masculindade patriarcal no texto “Reconstruindo a masculinidade negra” eu escrevi:

> *Apesar da política de gênero da escravidão ter negado aos homens negros a liberdade de atuar como “homens” dentro da definição feita pelas normas brancas, essa noção de masculinidade se tornou um padrão usado para medir o progresso do homen negro. As narrativas de Henry “Box” Brown, Josiah Henson, Frederick Douglass, e a uma série de outros homens negros revela que eles viram “liberdade” como a mudança no status que poderia permitir que eles completassem o papel do patriarca cavalheiro “cavalheiro”. Livres, eles seriam homens que poderiam sustentar e cuidar de suas famílias. Ao falar sobre como ele chorou enquanto via um capataz branco que vigiava escravos bater em sua mãe, William Wells Brown lamentou, “a experiência me ensinou que nada pode render mais um coração que uma pessoa ver uma querida ou*

amada mãe ou irmã torturada, e escutar seus choros e não conseguir dar assistência. Mas essa é a posição que um escravo americano ocupa.” Frederick Douglass não sentiu sua masculinidade afirmada pelo progresso intelectual. Foi afirmado quando ele lutou de homen para homem com o capataz vigia. Esse foguete foi um divisor de águas da vida de Douglass: “acendeu de novo no meu peito o fogo da liberdade. Me relembrou meus sonhos das minhas áreas (baltimore) e reviveu um sentido de minha própria masculinidade. Eu era um ser mudado depois daquela luta, eu era um nada antes – e eu era um homem agora”. A imagem do homem negro macho que aparece das conversas é uma de que o homem negro é um cara que trabalha muito que desejava assumir responsabilidade patriarcal completa por famílias e parentes.

Essa testemunha mostra que homens negros escravizados eram criados ou socializados por brancos que acreditavam que eles deveriam se esforçar para virar os machos patriarcas procurando pegar a liberdade pra providenciar e proteger mulheres negras, para ser patriarcas “do bem”, “caridosos” ou melhor: “benevolentes. Esses patriarcas ou “machões” benevolentes controlam os outros sem usar a força. E foi essa noção de patriarcado (ou de controle feito pelos machões) que homens negros procuraram imitar ao vir da escravidão para a liberdade. Só que a larga maioria de homens negros tomou como um padrão *seu* um modelo dominador que foi colocado pelos mestres brancos. Quando a escravidão terminou esses homens negros toda hora usaram da violência pra dominar mulheres negras, e isso era a repetição das estratégias de controle que brancos donos de escravos usavam. Alguns homens negros, quando tinham acabado de ser libertados, levavam suas esposas para o celeiro para espancá-las como o proprietário branco fazia. Óbvio que, até a hora da escravidão acabar, a masculinidade patriarcal tinha se tornado uma ideia aceita pela maioria dos homens negros, e essa ideia seria reforçada pelas normas do século vinte.

Apesar do esmagador apoio à masculinidade patriarcal por homens negros, existiram até na escravidão aqueles raros homens negros que repudiavam as normas colocadas pelos brancos opressores. Individuais homens negros renegados que ou escapavam da escravidão ou escolheram mudar suas circunstâncias a partir do momento em que foram libertados, muitas vezes encontravam refúgio entre Americanos Nativos, daí se movimentando para culturas tribais onde a masculinidade patriarcal com sua insistência em violência e judiação de mulheres e crianças não era norma ou lei ou estatuto. Casamentos entre mulheres Nativas e homens Afro-Americanos durante a reconstrução também criaram um contexto para que se vivesse e se “fosse” de diferentes jeitos que eram o contrário do exemplo da vida em família branca cristã. Em estados do sul, quando a escravidão acabou, grupos de Africanos que tinham escapado da escravidão ou se juntado aos descendentes

de escravos caribenhos manteram vivas a conservação de culturas africanas que também ofereceram uma subcultura diferente da cultura forçada pela branquitude.

Com a descoberta crítica afiada de Rudolph Byrd, que é co-editor do grupo de textos chamado *"Armadilhas: homens afro-americanos em gênero e sexualidade",* oferece em sua dissertação espetacular chamada "A tradição de John" o herói imaginário John, que seria uma figura-exemplo de masculinidade alternativa. Byrd explica:

> *Comprometido com o esculachamento da escravidão e da ideologia da supremacia branca, John é o inimigo supremo da "massa antiga" e das várias estruturas hegemônicas que ele e seus descendentes tinham criado e, o que mais dói no peito, muitos previsivelmente ainda fortaleciam. Nos vários atos de resistência de John, são refletidos seus melhores atributos e valores: senso materno, o poder da risada e da música, auto-afirmação, autoconhecimento, uma fé de que a vida é um processo enraizado no chão fértil da improvisação, esperança e o mais importante, amor. E seus sonhos? Nada menos que a cheia e completa emancipação do povo negro de todo tipo de escravidão. Esses são traços e sonhos que incluem a tradição de John. Nos complicados e longos dias de hoje, a vida de John é um modo de masculinidade negra baseado em princípios resistentes que possuem.... uma instrumentalidade ampla e vital*.

Obviamente, os individuais homens negros que estrategizaram resistência à escravidão, conspiraram caminhos para a liberdade e que inventaram novass vidas para eles mesmos e para seus povos estavam trabalhando contra a norma patriarcal supremacista branca. Eles eram homens que deram as bases para os homens negros abolicionistas que apoiaram mais liberdade para as mulheres. Alexander Crummell em suas palavras ditas na sociedade de ajuda de Freedman em 1883 falou diretamente da necessidade para que se criasse um programa de elevação racial que tivesse o foco em mulheres negras, particularmente na área da educação. Ele disse: "esse monte de homen negro nas gigantes plantações tem sido bastante triste e desolador; mas o destino das mulheres negras tem sido horrível! A existência inteira dela desde o dia que ela primeiramente desembarcou, sendo uma vítima nua do tráfico de escravos, tem sido degradação e exploração das formas mais extremas".

Frederick Douglass falou sempre que podia defendendo a igualdade de gênero. Em seu discurso de 1888 chamado "Eu sou um homem radicalmente a favor do sufrágio feminino" ele deixou sua ideia óbvia:

> *A principal ideia proposta pelo movimento sufragista é: a mulher é ela mesma. É: ela pertence a ela mesma, tão completamente como homens pertencem a eles mesmos – a mulher é uma pessoa e tem todos os*

atributos da personalidade que podem ser possuídos pelo homem, e que os direitos de pessoa da mulher são igual de todos os jeitos aos do homem. Ela tem o mesmo número de sentidos que diferenciam o homem, e é, como o homem, assunto do governo humano, capaz de entendimento, obedecimento e de ser afetada pela lei. Que ela é capaz de formar um julgamento inteligente sobre o caráter de homens públicos e medidas públicas, e que ela pode exercitar seu direito de escolher em respeito tanto à lei quanto aos que fazem as leis... nada pode ser mais simples ou ter mais razão.

Líderes negros do século 19 se preocupavam com os papéis de gênero e os melhores apoiavam a igualdade de gênero. Martin Delaney ralou dando a ideia de que os dois gêneros precisavam trabalhar igualmente para a ascensão racial.

Como Frederick Douglass, Delaney sentiu que a igualdade de gênero deveria fortalecer a raça, não que ela faria mulheres negras independente e autônomas. Como co-editores da *"North Star"* Douglass e Delaney tinham um espaço no texto em 1847 chamado "direito não tem sexo – verdade não tem cor". No encontro da convenção nacional do negro em 1848 Delaney apresentou a seguinte ideia que começava assim: *"Considerando que acreditamos plenamente na igualdade dos sexos, portanto ..."* sem dúvida homens negros um legado histórico de apoio à libertação das mulheres para se considerar. Mesmo assim haviam líderes negros homens que eram contra o apoio de Douglass aos direitos das mulheres. No texto *"Reconstruindo a masculinidade negra"* eu disse que a maioria dos homens negros que reconheciam o poderoso e necessário papel que a mulher negra tinha tido como lutadoras pela liberdade nos esforços da luta contra a escravidão, mas mesmo assim eles ainda queriam que mulheres negras fossem menos que os homens.

Explicando mais:

Eles queriam que mulheres negras se conformassem com as leis de gênero comandadas pela sociedade branca. Eles queriam ser reconhecidos como "homens", como patriarcas, por outros homens, incluindo os homens brancos. Ainda assim eles não poderiam assumir essa posição se mulheres negras não estavam querendo se conformar com as normas de gênero dominantes existentes que eram sexistas (quando se fala sexismo, falo da ideia de que o homem vale mais que a mulher). Muitas mulheres negras que resistiram contra a dominação patriarcal supremacista branca durante a escravidão não queriam ser dominadas por homens negros n da alforria. Como homens negros, elas tinham posições contraditórias no gênero. Por um lado elas não queriam ser "dominadas", mas pelo outro lado elas queriam que homens negros fossem protetores e provedores. Depois do fim da escravidão,

gigantes tensões e conflitos surgiram entre muheres negras e homens negros enquanto povos lutavam para se autodeterminar. Enquanto eles trabalhavam para criar padrões para a comunidade e para a vida em família, papéis de gênero continuaram a ser problemáticos.”

Essas contradições se tornaram a norma na vida negra.

No comecinho do século vinte negros homens pensadores e líderes estavam, como seus inimigos homens brancos, debatendo a questão da igualdade de gênero. O intelectual e ativista W.E.B. DuBois, ao escrever a favor do direito das mulheres negras em 1920 disse: “Nós não podemos abolir a nova liberdade econômica das mulheres. Não podemos imprisionar mulheres de novo em uma casa ou pedir a elas a custo de uma dor de morte para serem enfermeiras e empregadas domésticas... a ascensão das mulheres é, ao lado das questões da cor e do movimento pela paz, nossa maior causa moderna.” Influenciado pelo trabalho da mulher negra e ativista anti-sexista Anna Julia Cooper, DuBois nunca vacilou nessa fé de que mulheres negras deveriam ser vistas como co-iguais com homens negros. Apesar do exemplo estelar de W.E.B. DuBois, que continuamente apoiou o direito de todas as mulheres, a maioria dos outros homens negros parecem ver a necessidade de mulheres negras participarem como co-iguais na luta pela ascensão racial com o entendimento implícito de que a partir do momento em que a liberdade for alcançada as mulheres negras tomariam seus lugares como subordinadas às vontades superiores dos homens. De acordo com as normas sexistas, os negros sexistas acreditavam que “a escravidão e o racismo buscavam a castração dos homens afro-americanos ”e que a responsabilidade dos negros para combater isso, que as mulheres negras deveriam“ encorajar e apoiar a masculinidade de nossos homens ”.

Como a editora da “Página das mulheres” do jornal *O mundo negro*, Amy Jacque Garvey, esposa do pensador radical Marcus Garvey, declarou: “Nós estamos cansadas de escutar homens pretos dizer, Tem um dia melhor chegando’ enquando eles não fazem nada para guiar em direção a esse dia. Nós estamos ficando tão impacientes que estamos chegando aos ranques da frente e dando o aviso de que nós vamos afastar essa parada de líder negro covarde..... Senhor homem negro se ligue! Fortaleça esses seus joelhos tremedeiros e vá pra frente, ou nós vamos tirar vocês e liderar para a vitória e a glória.” Esta passagem dá uma boa indicação do fato de que mulheres negras e educadas lutavam para reprimir seu poder para ficar atrás de seus homens, enquanto questionavam continuamente essa posicionalidade (questionavam se de fato os homens estavam na frente). Defensoras sinceras dos direitos das mulheres na parte final do século dezenove, como Anna Julia Cooper, eram mais militantes sobre a necessidade de mulheres negras tem acesso igual à educação e às formas de poder, especialmente ao poder econômico.

Ao longo dos anos 1900 homens e mulheres negras debateram as questões da igualdade de gênero. Patriarcais capitalistas supremacistas brancos ao não deixarem homens negros acesso completo aos empregos enquanto oferecia às mulheres negras um lugar na economia dos serviços criou um contexto onde mulheres negras e homens negros não poderiam se adequar ao padrão de papel de gênero sexista relacionado ao trabalho por mais que eles quisessem. Foi a participação das mulheres negras na força de trabalho que trouxe a noção de que mulheres negras eram “líderes matriarcais” no lar. Na atualidade, mulheres negras trabalhadoras muitas vezes davam seus ganhos para os homens que ocupavam o espaço de liderança patriarcal no lar. Simplesmente trabalhar não significou que mulheres negras eram livres. Os papéis de gênero que pessoas negras formaram nos anos vinte, trinta e quarenta eram complexos. Não é porque as mulheres negras trabalhavam que elas obrigatoriamente passariam a mandar na casa. Muitos negros dos dias de hoje esquecem que no mundo do começo do século vinte pessoas negras em sua maioria viviam com familiares extendidos. Uma mulher negra que trabalhava em casas, lavando roupas ou fazendo outros serviços, mais dava seu dinheiro para o bem do coletivo do que para o seu próprio uso ou poder.

Enquanto críticas sociais direcionadas à vida negra tem continuado a dar ênfase à noção de que homens negros são simbolicamente castrados porque mulheres negras muitas vezes são as principais ganhadoras do pão, elas tem chamado atenção para a realidade das mulheres negras dando para outros seus ganhos. Na verdade, enquanto os homens controlarem os ganhos das mulheres, poucas famílias ligam para as mulheres ganhando mais. E agora a vasta maioria dos homens brancos dessa nação trabalham e muitos ganham mais que suas esposas brancas, a evidência está lá para confirmar que homens são menos preocupados com quem ganha mais que preocupados com quem controla a grana. Se o homem controla a grana, mesmo que a mulher seja rica, a evidência sugere que ele não se sentirá castrado. Homens negros e mulheres negras tem sempre tido uma diversidade de papéis de gênero, alguns homens negros querendo ser patriarcas e outros dando as costas pro papel. Muito antes da teoria feminista contemporânea falar sobre o valor da participação dos homens na presença parental, a ideia de que homens poderiam ficar em casa e cuidar de crianças enquanto mulheres trabalharam já tinha sido provada na vida negra.

Mulheres e homens negros nunca foram louvados por teresm criado uma diversidade de papéis de gênero. O primeiro texto que eu escrevi sobre masculinidade negra foi há mais de 10 anos e mesmo assim os longos argumentos que fiz valem a pena falar de novo aqui:

> Sem querer dar a ideia de que negras e negros vivem em uma utopia de gênero, eu vou sugerir que papéis de sexo negros, e particularmente o papel dos homens, tem sido mais complexo e problematizado na vida

negra do que se acredita. Esse era o caso especialmente quando todo o povo negro vivia em vizinhanças apartadas das vizinhanças brancas. A integração racial teve um impacto profundo nos papéis de gênero negros. Ela ajudou a promover um clima no qual a maioria das negras e dos negros aceitaram as noções sexistas dos papéis de gênero. Infelizmente, muitas mudanças ocorreram no jeito como o povo negro pensa sobre gênero, mas ainda assim a mudança de um ponto pra outro não foi ainda completamente documentada. Por exemplo: até que ponto o movimento de direitos civis, ao definir liberdade como ter oportunidades iguais com os brancos, sancionou a ideia de olhar para os papéis de gênero brancos como uma norma que pessoas negras devem imitar? Por que tem tido tanto pouco interesse mostrado em estilo de vida alternativos de homens negros? Em toda comunidade negra segregada dos Estados Unidos tem homens negros adultos casados, não casados, gays, héteros, vivendo em casas onde eles não afirmam a dominação patriarcal e ainda assim vivem vidas plenas, onde eles não ficam sentados pensando e se preocupando com castração. De novo deve ser amostrado que homens negros que se preocupam com castração e desmasculinização são aqueles que absorveram completamente as definições de masculinidade patriarcais supremacistas brancas.

Pessoas negras começaram a apoiar o patriarcado conforme mais direitos civis foram ganhados e as contribuições que mulheres negras fizeram para a luta pela libertação negra não foram mais vistas como contribuições necessárias e essenciais.

Significativamente, quando o mundo patriarcal branco começou a olhar para as famílias negras, uma crítica negativa das mulheres negras começou a se tornar mais comum. Se tinha simplesmente aceito a ideia de que com as políticas da supremacia branca e injustiça racial mulheres negras lutariam igualmente com homens negros em todas as frentes para garantir a ascenção racial. Já no próprio começo do século XX o instituto de censo dos EUA mandou um alerta sobre a situação das famílias negras, chamando a atenção para o fato de que mulheres Afro-Americanas estavam desproporcionalmente sendo abandonada pelos seus maridos ou nunca tinham se casado mas tinham crianças. Quando E. Franklin Frazier publicou em 1939 seu estudo “*A Família Negra nos Estados Unidos*” (que foi considerado na época em que foi escrito uma coisa inovadora) ele se esforçou para chamar a atenção para a diversidade dos jeitos de se casar e de se construírem as parcerias das pessoas negras e também chamou atenção para o impacto da classe nas relações das famílias negras. Frazier foi um dos primeiros acadêmicos a chamar atenção para a forma como barreiras racistas colocadas para pessoas negras que pegavam papéis definidos pelo sexismo perturbava casamentos e

famílias negras porque esses papéis levavam a uma falta de interesse em manter agregados familiares de dois parentes. Ainda assim Frazier nunca sugeriu que esses arranjos familiares eram desmasculinizantes para homens negros.

Muitos homens eram tão desinteressados em papéis sexistas tradicionais como as mulheres também era, e talvez os homens fossem mais desinteressados que elas. E diferente de homens brancos, homens negros não tinham uma moralidade do tipo influenciadas pelo patriarcado institucionalizada para fazer com que eles se sentissem menos homem se eles abandonassem suas famílias. Nos anos cinquenta a maioria do povo negro estava tentando se adequar às normas patriarcas de casamento e família. Apenas 17 porcento dos lar negros eram encabeçados por mulheres e os lar que tinham dois parentes presentes eram mais a norma aceitada. Apesar de limitada, mulheres negras podiam encontrar emprego na indústria de serviços quando não haviam empregos disponíveis para homens negros, o que significava que elas muitas vezes eram as principais ganhadoras do pão em famílias negras.

As massas de homens negros vinham de uma história de escravidão onde o trabalho era compulsório e muitas vezes brutal. Não existem documentos pra indicar se esses homens viam o trabalho como coisa importante ou crucial para as suas identidades masculinas. Homens negros educados, imitando os costumes de homens brancos das classes médias e altas, eram poucos em número, diferentemente de seus irmãos mais pobres e analfabetos, eles eram obcecados com a noção de proteger e prover para suas famílias. Certamente, muitos homens negros se adaptaram à realidade na qual a supremacia branca provia empregos braçais às mulheres negras enquanto negava empregos aos homens negros. Esses não internalizaram a culpa por essa situação ou projetaram tal culpa em mulheres negras. Julius Lester escreveu sobre esse espírito de resistência às normas brancas em *“Cuidado, branquelo! O poder negro vai pegar sua mamãe!”*, explicando que: “É uma parte verdade que os homens negros aceitaram a visão dos homens brancos deles mesmos. Porém, também é parte verdade que eles resistiram à aceitação dessa imagem. Não é um exagero dizer que a história dos negros na América é uma de resistência. Mas essa resistência tem permanecido, para a maior parte, desorganizada, daí vemos a dificuldade em reconhecer a luta que vem constantemente tomando lugar. (A resistência na vida das pessoas negras tem ficado pouco conhecida na America por causa do racismo que existe nesse país, esse racismo não vai permitir que nenhuma visão dos negros fora a visão do racismo. Quando outras visões são apresentadas, racismo previne a aceitação delas, a não ser, óbvio, que essas outras visões sejam articuladas pelos brancos.)” Pessoas brancas têm contribuído para os interesses do racismo quando ignoram quaisquer aspectos positivos da vida negra, particularmente qualquer pé fora do sexismo. Menosprezar masculinidades

negras não convencionais era vital para a autoestima do homem branco, dizendo que esses homens foram castrados.

Quando o governo dos estados unidos olhou para as família negras e Daniel Patrick Moynihan publicou seu relatório de 1965, *“A família negra”*, o estado capitalista supremacista branco imperialista foi a voz da autoridade forçando a ideia de que mulheres negras tinham desmasculinizado homens negros por se tornarem matriarcas e que participar nas forças armadas entrando para os militares era um jeito de homens negros pegarem seu status patriarcal. O discurso da desmasculinização mudou da supremacia branca e da prestação de contas pela opressão dos homens negros para a culpabilização de mulheres negras. Costumes encorajados, que encorajaram o ódio às mulheres, influenciou homens negros a colocar a culpa disso em mulheres negras por seus problemas. Na realidade, mesmo que toda mulher negra tivese parado de trabalhar pra esperar por seus homens, a discriminação racista e a exploração ainda faria que fosse impossível que o homem negro se torne patriarca. Significativamente, o relatório de Moynihan veio mesmo na hora pra reforçar a noção de que foi importante para homens negros lutar em guerras imperialistas. Retrospectivamente, é fácil ver a razão do estado ter ajudado a agitar o conflito de gênero entre mulheres negras e homens: o estado estava se preparando para entrar em várias guerras ao longo do mundo. Logo antes dos estados unidos declarar guerra no Iraq em 2003, a revista chamada *Newsweek* publicou um monte de artigos sugerindo que mulheres negras estavam desmasculinizando homens negros por serem dominantes no mundo da educação e do trabalho.

Ironicamente, o estado capitalista supremacista branco imperialista, que tinha dito que a família negra seria mais saudável se os homens negros encabeçassem o lar, não teve problema nenhum em levar os homens embora de suas casas e enviá-los para longe das famílias para guerrear, para sacrificarem suas vidas por um país que estava negando à eles completa cidadania. O relatório de Moynihan não criou a guerra de gêneros na vida negra; ele simplesmente validou as crenças sexistas de muitos homens Afro-Americanos e fez que a violência e a subjugação e exploração das mulheres aumentasse pois passou a ideia de que os homens estariam certos ou legitimados ao fazerem agressões. Assim que homens brancos desiluminados estavam atacando famílias negras por não serem encabeçadas por fortes homens patriarcais, mulheres brancas (junto com algumas individuais mulheres negras) lançaram um movimento de libertação das mulheres, que anunciava a negação delas de se manterem subordinadas, proclamando o desejo delas de serem iguais aos homens de suas classes. Muito pouco se escreveu sobre a extensão da imagem de desmasculinização que homens brancos racistas projetaram em homens negros, e se essa imagem foi indicativa de sentimentos de impotência que muitos homens brancos sentiram em suas relações com

mulheres brancas poderosas. Apesar de que Moynihan estava sugerindo que homens negros eram desmasculinizados, na realidade muitos homens negros estavam obviamente mostrando que eles preferiam ser playboys que provedores qualquer dia. Homens brancos estavam atacando homens negros nos anos sessenta por não preencherem o papel patriarcal que se relacionava com trabalho e família, e homens negros estavam dizendo aos homens brancos que sexualidade era a única parte real importante da masculinidade e nessa parte o homem negro mandava. De um lado alguns homens brancos estavam acusando os homens negros de serem castrados e na outra mão outros homens brancos invejavam homens negros por se recusarem a abração de coração a norma sexista.

Individuais homens brancos procurando alternativas para a masculinidade patriarcal foram atrás de novas definições de masculinidade com homens negros. Escrevendo sobre sua fascinação com a masculinidade negra em um texto de 1963 chamado "*Meu problema negro – e nosso"*, Norman Podhoretz declarou: "Assim como em minha infância invejei o que parecia ser a masculinidade superior dos Negros, eu os invejo hoje pelo que parece ser suas superioridades físicas e beleza." Masculinidade Negra, naquele tempo e agora, era vista como a incorporação quintessencial do homem como "estranho" e "rebelde". Homens negros tiveram acesso ao status de "descolado" que homens brancos queriam. Abraçando essa visão do homem negro descolado em seu texto dos anos 1960 "Referência sexual Americana: Homem Negro" Amiri Baraka corajosamente disse que: "Homens brancos Americanos são treinados para serem viados" e pousou a questão: "Você entende a moleza do homem branco, a fraqueza?" Esse ataque à masculinidade branca, e outros como esse, eram comuns entre apoiadores militantes do black power. Não era uma crítica do patriarcado. Era um chamado às armas no qual homens negros estavam dizendo que os homens brancos não preenchiam a ideia principal da masculinidade patriarcal porque eles dependiam de tecnologias para provar seu poder no lugar da força bruta. E de forma mais importante os anos 60 era o momento quando homens negros declararam que eles estavam conectados aos homens brancos, irmãos por debaixo da pele, ligados pela masculinidade, por uma compartilhada fidelidade ao patriarcado.

Quando homens negros pelo nome do "black power" começaram a abraçar completamente a masculinidade patriarcal, o movimento histórico pela ascensão racial enraizado na não-violência e na igualdade de gênero foi brutalmente sabotado. Enquanto que uma visão não convencional de masculinidade deu aos homens negros solos alternativos para construir uma auto estima saudável, ao abraçar a masculinidade patriarcal significava que a maioria dos homens negros que mediam contra a norma também seriam menos que um homem, seriam erros, incapazes de completar o ideal. Esse

pensamento levou a grave agitação psicológica e doença. Tragicamente, coletivamente, os homens negros começaram nesse ponto da história de nossa nação a botar a culpa do seu destino nas mulheres negras. Essa culpabilização acendeu as chamas de uma guerra de gêneros tão intensa que foi praticamente consumida a memória histórica de homens e mulheres negras trabalhando juntos igualmente para a libertação, criando amor na família e na comunidade. Praticamente destruiu pra além da percepção a representação de um homen negro alternativo buscando liberdade para si e para suas pessoas amadas, um homem negro rebelde buscando criar e fazer seu próprio destino. Essa é a imagem do homem negro que deve ser recuperada, restaurada, para que possa servir como exemplo de masculinidade revolucionária.

Chapter 2

gangsta culture

a piece of the action

(traduzir)

Assim como as brancas desiluminadas que apoiaram o movimento feminista até homens permitirem a elas um pedaço da ação, um pedaço do bolo do poder monetário, mulheres negras desiluminadas apoiaram a libertação negra até oferecerem à elas o pedaço de bolo. Depois da chacina dos homens negros radicais, depois da devastação emocional do assassinato da alma e do assassinato real, muitas pessoas negras se tornaram cínicas com a liberdade. Eles queriam algo que estivesse mais perto de se tocar, um objetivo que pudesse ser alcançado. Historicamente, o objetivo que homens negros definiram como necessário para a restauração de sua masculinidade patriarcal era pagamento igual para trabalho igual. Antes do movimento black power a maioria dos homens negros queriam empregos – pagamento igual para trabalho igual - e essa era a visão dos direitos civis básicos. Eles queriam o poder econômico para prover para eles mesmos e família.

Militantes do black power eram incansáveis em sua crítica do capitalismo. Eles desmascararam a corrupção na força de trabalho na América anunciando para o homem negro que ele tendo ou não um emprego legítimo, um que daria valor para ele nos olhos de pessoas brancas, não importava mais já que nada do sistema capitalista era legítimo. Dentro daquele sistema todo mundo era um ladrão, todo mundo um gangueiro, todo mundo na cena. Essa era a luta que Lorraine Hansberry tinha profeticamente previsto que iria rolar em sua peça *Uma uva passa no sol*. A crítica Margaret Wilkerson explica em sua introdução à coletânea de últimas peças de Hansberry que um conflito sobre o tipo de masculinidade que homens negros escolheriam era apostado em *Uma uva passa no sol*. No lugar de usar o dinheiro do seguro para morar e estudar melhor, o protagonista da peça Walter Lee, cansado de trabalhar como um chofer, queria fazer dinheiro fácil investindo em uma loja de bebidas.

Descrevendo a luta interna de Walter Lee a Wilkerson escreve que ele "acredita que dinheiro por si só é sinônimo de vida." Na verdade, quando a mãe

de Lee pergunta a ele “desde quando dinheiro virou vida?” ele responde, “ele sempre foi vida.... Nós só não sabíamos.” Aprendendo a jogar o jogo observando homens brancos, Walter Lee acredita no que Wilkerson chama de uma noção popular de masculinidade que diz “a posse de dinheiro de das coisas que ele pode comprar vai fazer dele um homem para a família e sociedade.” Dividido entre o legado de seu pai de masculinidade benevolente patriarcal e a ética no trabalho que acompanha e a vontade por poder enraizada na vontade de dominar na conquista, Lee, de acordo com Wilkerson, está querendo “sacrificar seuorgilho e integridade por valores mercenários.” Walter Lee explica a relação de sua nova geração com a grana: “Não existem causas – não há nada fora tomar nesse mundo, e aquele que toma mais é o mais esperto – e isso não muda nada o jeito que ele faz isso.” Wilkerson vê a peça como uma dramatização da luta entre “valores humanos e integridade, que está forçando mudança em um mundo onde o valor humano é medido pelo dólar.” É a luta entre uma versão mais antiga do patriarcado e uma nova versão que é excessivamente guiada pela realidade do capitalismo avançado. Na versão antiga, o homem importe como um trabalhador, como cabeça patriarca do lar e provedor; na nove versão, homem como trabalador é um escravo ou trabalhador barato. Apesar de que ele trabalha ele não consegue fazer o suficiente para encabeçar uma casa, e fundamentalmente como um trabalhador ele pode ser substituído. Na peça *Uma uva passa no sol*, Walter Lee consegue resistir à atração do materialismo hedonista. Porém lá pelo fim dos anos 60 e começo dos 70 a maioria dos homens negros tinham feito a escolha de identificar seu bem-estar, sua masculinidade com fazer dinheiro por quaisquer meios necessários.

Apesar de ser ferozmente anti-comunista, Martin Luther King, Jr. falou várias vezes alertando o povo negro sobre os perigos do materialismo hedonista e do consumismo. Avisando seus companheiros cidadãos no texto “Letra do Paul para os cristões americanos” King deu a seguinte palavra:

“Eu entendo que você tem um sistema econômico na américa conhecido como capitalismo, através deste você têm conquistado maravilhas. Você se tornou a nação mais rica do mundo, e construiu o maior sistema de produção que a história já conheceu. Tudo isso é maravilhoso. Mas, americanos, existe um risco de vocês mal utilizarem seu capitalismo. Eu ainda digo que o amor do dinheiro é a raíz de muito mau e talvez faça um homem virar um nojento materialista.” Os avisos proféticos de King caíram em orelhas surdas. O convite quando é feito pelo estado patriarcal capitalista branco supremacista imperialista para participar no trabalho capitalista competitivo fazedor de dinheiro, seduziu massas de povos negros, chamando-os para longe da luta de resistência pela libertação. Muitos brancos radicais passaram pelos turbulentos anos 60 e 70 apenas pra descobrir no final de suas jornadas que eles não conseguiam verdadeiramente desistira do acesso ao dinheiro e ao poder na

estrutura social capitalista existente(que eles tinham criticado tão exaustivamente como os militantes tinham). Pessoas negras estavam abraçando o capitalismo de todo coração. A conservatização dos radicais dos anos 60 começou com eles abraçando um ethos de ganância, um no qual ter dinheiro suficiente para ser autossuficiente não é o que importa, mas ter dinheiro para gastar, tendo excesso. Como nas pessoas brancas, um ethos de ganância começou a permear as psiquês das pessoas negras.

Um número significante de militantes black power, homens e mulheres, estavam entre a primeira geração de juventude negra a ser educada em configurações universitárias predomiantemente brancas. Naquelas configurações, muitos de nós aprendemos pela primeira vez que os valores de honestidade, integridade, e justiça ensinados a nós por nossos cuidadores parentais em todos os mundos negros não eram os valores que levavam ao sucesso no mundo onde tinhamos entrado: o mundo da cultura branca dominante. Esse é exatamente o conflito que Walter Lee tem com sua mãe, Lena Younger, em *Uma uva passa no sol*. Ele tenta explicar para ela que os valores pelos quais ela tem carinho (que são: ser uma pessoa íntegra, ser honesta, compartilhar recursos, colocar valores humanistas em cima dos valores materiais) não são os valores que levam ao sucesso econômico em uma sociedade capitalista. Enfrentar essas contradições e a desilusão psicológica que eles criaram serviu como um acelerador de uma sacada para muitos negros, que eram novos e educados na escola branca, a pelas primeiras vezes dar as costas para o capitalismo em desgosto e então se virar em direção à ele, impaciente para participar em uma economia corrupta, querendo estar entre aqueles que exploram no lugar de estar com os explorados. Um exame da biografia de individuais da elite educada pelo black power e/ou de intelectuais orgânicos revelaria quantos deles mudaram suas posições. Eles foram de brilhantes críticos da supremacia branca e capitalismo para assimiladores da branquitude e esforçando-se para conseguir dinheiro por quaisquer meios (vender drogas, criar modas, etc.).

A partir de que o dinheiro, e não a realização de um trabalho ético baseado em integridade e valores éticos, virou a única medida do homem, mais homens negros puderam entrar no jogo. Enquanto as apostas fossem trabalhos respeitáveis, trabalho que poderia levar à cena dominante, homens negros não tinham uma chance de vencer as probabilidades. Quando grana virou o objetivo, homens negros tinham uma chance. Em comunidades negras correr por grana, mesmo que isso significasse mentir e trapacear, se tornou mais aceitável se isso trouxesse para casa a carne. Uma mudança nos valores da classe ocorre na vida negra quando a integração vem e com ela a ideia de que dinheiro é o indicador primeiro do sucesso individual, e não a forma como se consegue o dinheiro.

Por abraçar aquela visão de mundo foi mudada as dinâmicas do trabalho em comunidades negras. Homens negros que poderiam mostrar que eles tinham dinheiro (não importando como eles conseguiram esse dinheiro) poderiam estar entre os poderosos. Foi esse pensamento que permitiu que pirangueiros (uma pessoa que usa de atitudes baixas pra ganhar) fossem tão bem vistos como trabalhadores esforçados em comunidades negras como os brancos que trabalhavam no mercado de ações de Wall Street. Escrevendo sobre a prática da pirangagem em *Cuidado, Branquelo* Julius lester explicou:

> Hoje a resistência se manifesta no que os brancos conseguem ver apenas como as "doenças sociais" do gueto, ou seja, o crime, altas desistências da escola, desemprego, etc. Na atualidade, muitos negros tem conscientemente se rebelado contra o sistema e saído da escola. Afinal de contas, por que gastar sua vida trabalhando em um trampo que você odeia, sendo pago quase nada, quando você faz mais dinheiro com metade do esforço. Então, uma nova classe é criada, o bandido que aposta, que faz jogo do bicho, que despacha droga, vive de mulheres, e não faz nada para evitar contato com os fornecedores de drogas cinco dias da semana, entra ano e sai ano. É perigoso, duro, e uma vida nenhum pouco bonita, mas ela teem alguma compensação: Um pouco de respeito próprio e o respeito de um bom segmento da comunidade é ganhado.

O desenvolvimento de uma vibrante porém mortal economia de drogas foi para cima da vida negra e foi aceita porque era e é uma arena de emprego fora da lei na qual dinheiro – muito dinheiro – pode ser feito.

Posicionados apenas para aceitar a desvalorização da ética do trabalho, homens negros, que deram seu trabalho puro para ajudar a construir a base do capitalismo avançado nessa sociedade nunca foram pagos por um salário que se dê para viver. O trabalho nunca foi para eles o espaço no qual sua masculinidade patriarcal pode ser afirmada. Meu pai era um patriarca dos anos cinquenta. Ele trabalhou duro em seu emprego de guarda em uma agência dos Correios. Ele aceitou sem protestar ou reclamar a discriminação racial nos salários (até as leis mudarem) e ele aceitou pessoas brancas tratando ele com desrespeito diariamente. Ele garantiu o sustento para sua família. Mamãe nos ensinou a respeitar e admirar essa habilidade de garantir o sustento, chamando atenção para as famílias negras nas quais não tinha homem garantindo as coisas. Essas famílias, e casais negros como elas, ou os pais trabalhadores de Hansberry, por exemplo, eram os exemplos da vida real que caracterizavam a base do pai e mãe em *Uma uva passa no sol*. O pai do meu pai tinha sido um parceiro de escravidão nos terrenos do homem branco por salários pequenos. O pai da minha mãe tinha feito trampos ocasionais como limpar jardins, vender minhocas de pesca. Nesses casos as suas esposas trabalhavam como serviçais para trazer grana pra casa.

Os patriarcas da geração do meu pai olhavam com admiração para a nova geração de homens negros que se preocupavam apenas com fazer grana. Em seu livro de memórias chamado *Me faz querer gritar: Um jovem negro na América*, Nathan McCall relembra em seu capítulo “trabalho”: “Parecia que eu e meus irmãos viam tudo na vida diferentemente de nossos velhos. Nós representávamos duas gerações de negros que vieram de diferentes locais e tempos. Vindo do extremo do sul, meu padrasto acreditava que você tinha que ignorar toda a merda que as pessoas brancas faziam e aprender a engolir o orgulho pra garantir a sobrevivência. Cortado do molde dos direitos civis, ele acreditava que os negros poderiam superar o racismo ao se escravizarem duramente e se contentarem com o pouco que tinham.” Homens, como meu pai, como o padrasto do McCall’s, acreditavam não apenas em trabalhar, eles acreditavam que existe mais para a vida que fazer grana. Eles acreditavam que as pessoas podem ter uma vida importante cheia de significado mesmo tendo salários baixos.

Tanto Martin Luther King, Jr. e Malcolm X eram homens que viveram sem dinheiro em excesso. Na real, Malcolm X desistiu de uma vida de bandidagem na qual ele tinha o dinheiro e o poder para virar um homem de integridade. Em “*Cuidado, branquelo*”(original: *“Look out, Whitey”*), Lester chamou atenção para o fato de que qualquer bandido desistiria do seu jeito de viver “se ele pudesse encontrar algum outro jeito de manter sua dignidade.” Tristemente, como a economia ia piorando e o desemprego virou uma possibilidade em todas as classes, coletivamente homens negros não ganharam maior acesso aos melhores empregos e salários para se viver. Homens negros desmoralizados os quais não conseguiam os empregos que as suas masculinidades patriarcais diziam que eles tinham que ter então passaram a se sentir mais confortável com o sistema patriarcal que valorizasse mais a aquisição de grana como o padrão de medida de valor patriarcal de macho. Em alguns casos homens negros poderiam ter dinheiro por tomar grana de suas esposas e namoradas, ou prostituindo mulheres.

Tem havido pouca pesquisa examinando as atitudes relacionadas com o trabalho que coletivamente fez a cabeça de homens negros. Mais que qualquer outro grupo de homens dessa nação, homens negros entederam realmente a escravidão salarial. Eles tem mais que outros grupos estado longe de acreditar que emprego levará autoestima e amor próprio (ou autorespeito). Homens negros não são tidos como aqueles que são descritos na obra de Susan Faludi chamada *Stiffed: The Betrayal of the American Man.* Nessa obra ela fala que pela primeira vez a masculinidade patriarcal dos homens era afirmada mas sem necessariamente estar ligada ao trabalho. Faludi lamenta que “tinha algo quase absurdo nesses homens trabalhando, semana após semana, para reconhecer eles mesmos como dominadores quando na verdade eles obviamente eram dominados.” Esses homens, quase todos brancos, que Faludi

descreve estão experimentando a desilusão com o mito do trabalho como forma de ganhar acesso à masculinidade patriarcal, com esse mito a maioria dos homens negros viveu da escravidão ao dia presente. Faludi conclui seu estudo gigante sugerindo que homens trabalhadores que tiveram seus direitos roubados (de novo ela foca quase que exclusivamente em homens trabalhadores brancos) talvez sejam forçados pelas circunstâncias a se aventurar na "rota convencional" para encontrar "um caminho melhor para uma masculinidade que tenha importância". Se ela tivesse focado de jeito sério em homens negros como trabalhadores, Faludi teria encontrado exemplos de homens desempregados, exemplos de trabalhadores que ganhavam pouco por uma vida inteira de trabalho e que conseguiram fazer justamente aquilo – criado alternativas de importância, significativas.

Esportes profissionais constituíram uma arena de trabalho alternativa para muitos homens negros. Nesse mundo o corpo do homem negro uma vez usado e abusado em um mundo de trabalho baseado na força bruta poderia ser transformado; elegância e graça poderiam virar os símbolos que identificam e dão significado ao trabalho. Historicamente, entrar no mundo dos esportes profissionais foi um esforço político profundo para homens negros. Se você quisesse entrar nesse mundo você teria que estar disposto a se esforçar para além dos limites racionais e não havia jeito real de fugir da política. De Joe Louis a Muhammad Ali, de Wilt Chamberlain a Kareem Abdul-Jabbar, esportes profissionais eram o local onde muitos homens negros receberam sua primeira educação para consciência crítica sobre políticas de raça e corpos negros masculinos. Jogar esportes profissionais era a área de trabalho primária para homens negros que tanto queriam afirmar masculinidade patriarcal ou uma identidade baseada no humanismo tanto queriam fazer grana. Hoje essa arena se tornou tão corrupta pela política da ganância material que ela é raramente um local onde possa brotar uma masculinidade alternativa enraizada na dignidade e na individualidade. Ainda assim haviam ali aqueles homens negros atletas presenteados, como Muhammad Ali, se atreveram a fazer masculinidades alternativas e afirmar a identidade do homem negro diferente do estereótipo. Quando foi escrever sobre o mundo do Box, Eldridge Cleaver disse: " O ringue do Box é o maior foco da masculinidade na América, o chão de teste de dois punhos da masculinidade, e o campeão de peso pesado, como um símbolo, é o verdadeiro Senhor América". O Ali não aceitou aparecer como o macho americano ideal e primitivo; ele tirava onda da masculinidade patriarcal, dando a ideia de que ela era como uma postura vazia e como uma encenação ou cena.

Se as réguas de medida da masculinidade patriarcal dessem valor a ficar em silêncio e sem emoções, o Ali se atrevia a falar alto, a ser corajoso e barulhento, se atreveu a botar pra fora emoções, a encorporar a alegria, a rir, se atreveu a ficar triste, se atreveu a sentir dor, e se atreveu a não esconder o

machucado e se atreveu a expressar as feridas. Fotógrafos tiraram fotos do Ali sorrindo, abraçando homens negros, se atrevendo a ser fisicamente próximo. Na minha pesa eu tenho uma foto do Ali segurando sua mãe, mostrando seu amor; fazendo tudo que um homem patriarcal não deveria fazer nem ser. Ali deixou solto o garoto interior e nos lavou com suas risadas, sua generosidade de espírito, seu coração. Ele amostrava o macho brincalhão no lugar de reprimir e negar.

O mundo branco ignorante – que continua investido em fazer estereótipos racistas durarem pra sempre, apesar de em um nível mais sofisticado que no passado – é muito mais feliz com um Muhammad Ali que só tem força bruta sem uma inteligência aguda afiada e sagacidade crítica que caracterizou seu poder como um atleta negro politizado que se atreveu a descolonizar sua mente. O Ali reduzido ao símbolo calado da força bruta sem uma voz inteligente faz a grana. Na mente dos brancos racistas o Ali hoje é um símbolo do homen negro castrado, o capado que atende quando o seu mestre chama. Por essa razão é mais que vital que pessoas negras e nossos aliados de luta mantenham viva a memória das palavras e das visões de Ali como um campeão do espírito humano trabalhando a favor da libertação de explorads e oprimids. Isso é o poderoso legado que Ali criou, a identidade masculina alternativa.

Quando homens negros não conseguiram vencer no mundo dos esportes, eles olharam para o mundo da música como um local de possibilidade, um local onde a masculinidade alternativa poderia existir e ser mostrada ou expressada. Certamente a cultura musical do blues e jazz tem suas raízes na missão do homem negro atrás de uma vocação que iria pedir dele criatividade e que desse a ele sentido ao seu trabalho. Em *"Look Out, Whitey",* Lester explica: O músico é outro que vive uma existência subterrânea, tocando em lugares meia boca ou em qualquer lugar que ele possa ser pago para tocar. Muitas vezes o seu impulso de ser um músico é uma forte diferença para o tipo de trabalho que se espera que um homem negro faça dentro do sistema. Isso é verdade no Sul, onde muitos dos cantores antigões de blues dizem francamente, 'eu tinha que encontrar um jeito de me afastar da plantação de algodão, então eu comecei a pegar a guitarra.' Para um homem negro, trabalho significa se colocar de baixo de um homem branco em um trampo e ter que fazer o que ele fala. Se negar a fazer isso significa perder o emprego. Desse jeito, trabalhar vira a mesma coisa que perder o respeito." Enquanto que individuais homens negros sortudos tem conseguido e conseguem ser exemplo em encontrar alternativas para a insistência patriarcal que fala que trampo com salário é o único trabalho respeitável, muito mais homens negros viraram as costas e se tornam bandidos como uma forma de fazer grana.

Nos mundo de hoje, a maioria dos homens negros educados das classes com mais proximidade de privilégios compartilham com os negros pobres uma obsessão com o dinheiro como símbolo de uma masculinidade de sucesso. Eles são tão facilmente corrompidos como seus irmãos desprovidos de direitos, se não forem mais, porque as participações monetárias ($) e as recompensas são maiores em seu mundo glamouroso. Fazer dinheiro é ainda mais importante para esses homens porque eles também, assim como homens negros trabalhadores antes deles, ainda precisam se submeter às extravagâncias dos brancos. Homens negros que foram assimilados que são "identificados brancos" acham mais fácil submeter a homens brancos inconstantes (e chefes que são mulheres brancas) no local de trabalho. Porém, a maioria dos homens negros sofre psicologicamente no mundo do trabalho, tanto os que fazem muita grana como os que fazem pouca grana vão sofrer com terrorismo psicológico baseado em sua raça de forma aberta ou encoberta. A integração não mexeu nas estratégias de terrorismo psicológico que brancos opacos usam para manter sua dominação sobre pessoas negras.

Desde que as "plantation" não existem mais (grandes campos de algodão com pessoas escravizadas), o mundo cotidiano do trabalho vira um local onde aquela dominação pode ser ordenada e reordenada de novo e de novo. Desse jeito o trabalho nos estados unidos continua sendo estressante e, na maioria das vezes, desmoralizante para a maioria dos homens negros. Até um homem negro conservador e assimilado como Colin Powell, que tem grande acesso a dinheiro e poder, sofre com o desrespeito racializado mostrado para ele pelos homens brancos que tem grana. Ele, do mesmo jeito que outros homens negros poderosos em posições parecidas, podem considerar isso como um preço pequeno preço a se pagar por estar conseguindo abraçar completamente a masculinidade patriarcal e colher todos os benefícios. A maioria dos homens negros, que trabalham em nosso país, fazem salários baixos e não receber recompensas por resistir à humilhação racializada no local de trabalho. Eles sofrem isso e também precisam lidar com os efeitos desmoralizantes de não receber um salário que dê pra viver.

Essa treta dupla tem sido o local de onde se brota um cinismo profundo sobre o que significa trabalho. Nathan McCall escreve sobre isso no texto "*Makes Me Wanna Holler*" (me dá vontade de gritar) quando ele descreve o impacto desmoralizante da agressão racista presente na vida de trabalho de seu pai: "apesar de sua crença de que o trabalho era a resposta para superar o racismo, eu poderia notar que as pressões relacionadas com a raça em seu trabalho de tempo integral em um estaleiro estava comendo meu pai por dentro. Ele e os que trabalhavam com ele que iam para nossa casa reclamavam toda hora sobre os brancos da força de segurança do estaleiro serem mais promovidos do que negros mais qualificados que esses brancos. Eu nunca escutei meus amigos dizerem que eles queriam ser como seus pais

quando eles crescessem. Por que iríamos querer aquilo quando sabíamos que nossos pais estavam vivendo um inferno? Nós não queríamos trabalhar para o homem branco e acabar como ele.” Essa experiência, testemunhar um homem negro trabalhador se stressar para depois se consolar com álcool, junto com a experiência própria de McCall fizeram ele detestar o trabalho. Na sua adolescência mais madura ele se afastou de toda a ideia de trabalhar no sistema: “Eu tomei a atitude a respeito do trabalho que um monte de irmãos que eu conhecia tinham: ‘se arrumar um emprego significa que eu tenho que trabalhar para o homem branco, então eu não quero uma merda de emprego.” Homens jovens negros brilhantes como McCall olharam para a ideologia do black power para as suas salvações. Ela era o local de consolo deles.

Jovens negros lindos militantes do black power eram os primeiros negros esquerdistas a alertar em voz alta os maus do capitalismo. E durante esses chamados eles desmascararam a escravidão salarial, chamando ela do que ela era. Ainda assim no final do dia um homem negro ainda precisava de dinheiro para viver. Se ele não ia conseguir ele trabalhando para o homem, o dinheiro poderia vir por meio da entrada do seu próprio povo na bandidagem. Militantes do black power, tendo aprendido com Dr. King e Malcolm X como denunciar a verdade do materialismo baseado no capitalismo, identificaram isso como cultura gangster. Masculinidade patriarcal era a teoria e cultura gangster era sua prática principal. Não é de surpreendente que na época homens negros de todas as idades vivendo a ética protestante de trabalho, se submetendo em um mundo branco racista, invejem os bandidos em comunidades negras que não são escravos para o poder branco. Como um jovem membro de gangue falaria: “trabalhar era considerado fraqueza”.

Homens negros de todas as classes chegaram a ver a sociedade capitalista dirigida pelo mercado que estamos vivendo como uma babilônia moderna sem regras, sem qualquer estrutura de lei e ordem que tenha importância como um mundoonde a “cultura gangster” é a norma. Poderosos jogadores patriarcais (a maioria branca mas aqui e ali homens de cor) na cena corporativa poderosa ou de empregos de alto salário do governo fazem suas próprias versões do jogo da cultura gangster; eles só não são capturados ou quando são eles sabem como jogar para eles não acabarem na cadeia ou no corredor da morte. Esse é o estágio grande que a maioria dos bandidos negros homens querem jogar, mas eles raramente conseguem uma chance porque eles não tem a preparação educaional necessária. Ou a sua luxúria por dinheiro fácil que vem rápido faz com que eles entrem: assassinato da alma por ganância. Em seu livro *The Envy of the World: On Being a Black Man in America* (tradução ao pé da letra: A inveja do Mundo: Sobre ser um Homem Negro na América), Ellis Cose deliberadamente rebaixa o impacto da exploração baseada na raça na vida dos homens negros. Para tentar dar sentido ao seu argumento de que homens negros, e não sistemas de

dominação, são o problema, ele acha que deve excluir qualquer discussão de trabalho, de desemprego (ele inclusive sugere que homens negros devem conseguir transcender os sistemas de dominação com os valores certos).

Cose chega perto de uma discussão do trabalho quando ele escreve sobre o investimento da juventude negra masculina na cultura gangsta mas ele nunca realmente dá atenção para o pensamento de homens negros sobre empregos e carreiras. Quando discutindo sobre a sedução da "rua" ele faz a importante fala que diz que as ruas muitas vezes seduzem homens jovens brilhantes atraindo eles para uma vida de bandidagem, de venda de drogas. Cose fala: "a sedução do dinheiro que se pode ganhar passando os quilos, essa sedução é para os meninos da cidade tão forte porque ela oferece umas recompensas tão grandes para aqueles que de outra forma teriam muito pouco." Ele repassa a ideia de um antigo vendedor de drogas que diz: "Eu vim da pobreza e eu queria coisas legais e dinheiro e tudo... Eu saí do ensino médio e... Eu fui pego por aquilo.... Era como, Eu tenho dezoito. Eu quero o meu dinheiro agora." A sensação do dinheiro como uma coisa coberta de um sentimento grandioso de titulação foi o que esse homem negro sentiu, e essa sensação é parte do pacote de sedução da masculinidade patriarcal.

Todo dia homens negros lidam com uma cultura que diz a eles que eles nunca conseguirão conseguir dinheiro ou poder o suficiente para libertá-los da tirania branca racista no mundo do trabalho. A mídia de massa ensina aos jovens os valores da masculinidade patriarcal. Nas telas da mídia de massa hoje, seja na televisão ou nos filmes, os trabalhos mais bem vistos são geralmente colocados como trabalhos sem importância, o dinheiro é colocado como o deus, e o cara fora da lei que quebra as regras prevalece. Contrário da noção de que homens negros são tentados pelas ruas, a mídia de massa na cultura patriarcal já tem preparado eles para se buscarem nas ruas, para encontrar a masculinidade deles nas ruas, já pelo tempo em que eles tem seis anos. A propaganda funciona melhor quando a mente do macho é jovem e ainda não educada na arte do pensamento crítico. Alguns estudos examinam a ligação entre a admiração dos homens negros pela cultura gangsta e o consumo infantil não supervisionado de televisão e filmes que colocam a masculinidade patriarcal bruta como uma coisa glamourosa. Uma mídia de massa tendenciosa patriarcal imperialista supremacista branca ensina aos jovens negros homens que a rua vai ser seu único lar. E deixa que homens negros famosos saberem que eles estão a apenas um encarceramento de distância de estarem nas ruas. Essa mídia ensina aos jovens homens negros que o homem patriarcal é um predador, ensina que apenas o forte e o violento sobrevive.

É nisso que os jovens homens do black power acreditavam. Isso é o motivo de tantos deles estarem mortos. A cultura gangster é a essência da masculinidade patriarcal. A cultura popular diz aos jovens homens negros que

apenas o predador sobrevive. Cleaver explica a mensagem em seu texto chamado *Alma no gelo:* “Em uma cultura que secretamente segue a ética pirata do “cada homem por si” – o darwinismo social da ‘sobrevivência do mais adequado’ estando longe de estar morto, se manifesta em nosso sistema político de corrida de rato de partidos competindo, em nosso sistema econômico de cão come cão de lucro e prejuízo, e em nosso sistema de justiça de adversários onde a verdade é secundária e a habilidade e as conexões do advogado são primárias – o resultado lógico dessa ética, quando olhamos para cada pessoa, é que os fracos são vistos como o normal e apenas presa do forte.” Essa é a ética que vários meninos em nossa sociedade aprendem da mídia de massa, mas meninos negros, que muitas vezes não tem pai, levam isso para o coração.

Prisões em nossa nação são cheias de homens negros capazes inteligentes que poderiam terem completado seus objetivos de fazer dinheiro de uma forma responsável e legítima mas que cometeram crimes por pequenas quantias de dinheiro porque eles não podiam atrasar a gratificação. Trancados, totalmente sem suporte, homens negros em prisão são um lugar onde a reflexão crítica e a educação para a consciência crítica pode ocorrer (como foi o caso de Malcolm X) mas na maioria das vezes esse é o lugar onde a masculinidade patriarcal é reforçada. A cultura gangsta é ainda mais glamourizada nas prisões de nossa nação porque elas são a selva moderna onde apenas os fortes sobrevivem. Essa é a epítome do universivo darwiniano do cão-come-cão que o Cleaver descreve. Os filmes representam o homen negro aprisionado como forte e poderoso (isso é a mais falsa consciência) e essas imagens são parte da propaganda que atrai e seduz a audiência masculina negra de todas as classes. Meninos negros de classes privilegiadas aprendem dessa mesma mídia a invejar a masculinidade daqueles que gostam de seus papéis como predadores, que estão ansiosos para matar e ser mortos nas suas missões para ganhar a grana, para chegar no topo.

Em seu texto *A opinião do Gelo*, o rapper e ator Ice T fala da atração do crime como sendo um jeito de fazer dinheiro fácil. Descrevendo o crime como “um trabalho como qualquer outro” ele chama atenção para o fato de que a maioria dos homens negros jovens não tem problema com cometer crimes se isso garantir grana para eles. Ele faz o argumento de que não é apenas o dinheiro que atrai homens negros para a atividade criminal, que “há definitivamente algo sexual sobre o crime, algo sexy sobre o crime” porque “requer muita coragem para fuder o sistema.” Raramente existe algo sexy relacionado com o trabalho pago. Muitas vezes homens negros escolhem o crime para evitar a hierarquia na força de trabalho que os coloca no fundo. Como Ice T explica: “O crime é um empregador de oportunidades iguais. Ele nunca discrimina. Qualquer um pode entrar no campo. Você não precisa de um diploma. Você não precisa de um certificado do EJA. Você não precisa ser de

nenhuma cor especial. Você não precisa que pessoas brancas gostem de você. Você é empregado por você mesmo. Como resultado, criminosos são pessoas muito independentes. Eles não gostam de receber ordens. É por isso que eles entram nesse negócio. Não existem testes ou formulários pra preencher para entrar, não existem códigos especiais de vestimentas. Existe um grau de liberdade em ser um criminoso." É óbvio que a descrição legal do crime feita por Ice T parece bem patética quando colocada contra o número grande de homens negros que estão encarcerados, muitos deles para a vida toda, por causa de crimes por "dinheiro fácil" que deram para eles menos que cem dólares. A fantasia do dinheiro fácil é empurrada pela cultura popular pelos filmes. É empurrada pelas loterias apoiadas pelo estado. E parte da sedução é fazer indivíduos, especialmente homens, sentir que eles merecem dinheiro que eles não fizeram.

É óbvio que existem muitos homens negros no mundo fazendo dinheiro por meios legítimos e ilegítimos e eles ainda estão presos na dor da masculinidade patriarcal. O mundo do responsável trabalho legítimo, quando não explora, pode ser humanizador, já o mundo do fazer dinheiro, da ganância, sempre deshumaniza. Daí a realidade dos homens negros que conseguiram "chegar lá" na fama muitas vezes se percebem com vidas vazias e sem sentido. Eles podem ser tão pessimistas como seus irmãos negros pobres sem suporte das classes mais baixas. Tanto o que "chegou lá" como o pobre podem virar viciados para aliviar a dor.

Muitos poucos homens negros sentem que eles estão fazendo trabalho que eles achem cheio de significado ou cheio de importância ou que dê a eles um senso de propósito, seja de classe rica ou de classe pobre. Apesar de haver mais homens negros acadêmicos que nunca hoje, até entre os mais pagos existe uma falta de satisfação no emprego. O trabalho satisfaz mais os homens negros quando ele não é percebido como o local da masculinidade patriarcal, o trabalho satisfaz mais os homens negros quando é um canto de interação social com significado e também quando é um trabalho que satisfaz. Apareceram de novo os negócios de homens negros nos anos noventa porque homens negros investidores acham que o racismo é muito presente em vários tipos de emprego e era tão presente que até empregos que eles gostavam se tornavam insuportavelmente estressantes. Ser dono do próprio negócio e ser o chefe permitiu que homens negros individualmente encontrassem dignidade no emprego.

O consumismo egocentrista materialista com seu foco exagerado em ter dinheiro para gastar tem sido a causa central da desmoralização entre homens trabalhadores de todas as raças. Homens negros responsáveis de classe média que encorporam tudo que é de bom sobre a ética de trabalho protestante descobrem que o trabalho satisfaz mais quando não é colocado como a coisa mais importante para avaliar a masculinidade ou a individualidade

de uma pessoa. Descobrem que o trabalho satisfaz mais quando é visto como simplesmente um aspecto de uma vida holística. Algumas vezes um homem negro individualmente pode de algum jeito estar insatisfeito com seu emprego e ainda assim sentir que vale a pena aguentar essa insatisfação por causa dos meios valiosos que ele usa seus salários para criar uma vida mais cheia de sentido. Isso é a verdade para homens negros de todas as classes. Ao longo de minha vida, eu fui inspirada pelo exemplo de meu pai. Trabalhando dentro de um sistema racista onde ele era muitas vezes tratado sem respeito por macabras pessoas brancas, ele ainda conseguia ter padrões de excelência que guiavam a execução do seu trabalho. Ele, junto com minha mãe ensinaram a todas as suas crianças a importancia de se comprometer com o trabalho e de dar o seu melhor em qualquer emprego.

Apesar de essas lições nosso irmão K., ao longo de sua vida, tem sido seduzido pelo dinheiro fáci. Com sorte, nesse caminho as suas tentativas de participar da vida gangster aconteceram cedo o suficiente em sua vida para empurrar ele em outra direção na sua meia idade, ele ainda está lutando para encontrar um caminho de carreira que dará maior satisfação para a alma. Como muitos outros homens negros em nossa cultura, ele quer fazer muito dinheiro. Apesar de ele ter um trabalho responsável que paga bem, a sua habilidade de se orgulhar de onde ele está e do que ele conquistou é muitas vezes diminuída por fantasias de ter mais. Quando ele foca suas energias em fazer mais, no lugar de ter mais, a satisfação de sua vida aumenta.

Durante os períodos de sua vida quando ele estava desempregado, o K. usou seu tempo trabalhando em seu desenvolvimento próprio. Muitos homens negros em nossa cultura enfrentam o desemprego em algum ponto de suas vidas. Para alguns o desemprego pode ser o seu lote pode meses, para outros, anos. A masculinidade patriarcal, que diz que se um homem não é um trabalhador ele não é nada, ataca a autoestima de qualquer homem que absorve esse pensamento. Muitas vezes homens negros rejeitam esse tipo de pensamento sobre trabalho. Essa rejeição é um gesto positivo, mas eles muitas vezes não trocam essa rejeição da norma patriarcal por uma alternativa construtiva.

Dado o estado do trabalho em nossa nação um futuro onde o desemprego em massa, redução de empregos, e redução de salários está se tornando mais normal, todos os homens, e os homens negros em particular, estão necessitando de visões novas do trabalho. Ao longo de sua históriano s estados unidos os homens negros descolonizados encontraram essas alternativas. Significativamente, eles veem o desemprego como tempo para aumentar sua criatividade e consciência. Não fazer dinheiro abriu o espaço para eles repensarem o investimento no materialismo; isso mudou suas perspectivas. Eles se engajaram em uma mudança de paradigma. Martin Luther King, Jr., em sua crítica ao materialismo, fala que essa mudança é uma

“revolução de valores”. King convidou homens negros e todos os homens para “trabalhar dentro da estrutura da democracia para trazer uma melhor distribuição da riqueza”, usando “poderosos recursos econômicos para eliminar a pobreza da terra.” Individuais luminosos homens negros que não fazem dinheiro ou não fazem dinheiro suficiente aprenderam a se afastar do mercado de trabalho e a se aproximar de ser – descobrindo quem eles eram, o que eles sentiam, e o que eles queriam da vida dentro de fora do mundo do dinheiro. Mesmo eles não tendo escolhido por esse “tempo livre”, eles conseguiram usar esse tempo de um jeito produtivo. Em seu discurso de 1966 em Berkley contra a guerra, Stokely Carmichael ofereceu essa visão utópica: “A sociedade que nós procuramos construir entre pessoas negras não é uma capitalista. É uma socidade em que o espírito de comunidade e do amor humanístico prevalece.” Imagine a revolução de valores e ações que iriam rolar se homens negros fossem coletivamente comprometidos com criar o amor e construir comunidade.

Até que uma visão progressiva do desemprego produtivo possa ser compartilhado com homens negros coletivamente, se metendo onde aparecer a ideia patriarcal que diz que desemprego tira o valor do sujeito e desafiando a ideia materialista que diz que você é o que você pode comprar... até que possamos desconstruir mais essas ideias, a maioria dos homens negros (como muitos dos machos brancos entre os pobres e desprivilegiados) continuarão a enfrentar um mundo do trabalho e uma cultura de desemprego que desmoraliza e deshumaniza o espírito. A sobrevivência material do homem negro só vai ser garantida com o seu afastamento das fantasias de riqueza e da noção de que dinheiro resolverá todos os problemas e fará tudo melhorar, a vida do homem negro só vai melhorar quando o homem negro tomar o rumo da realidade e o rumo do compartilhamento dos recursos, mudando o jeito de se pensar ‘o que é o trabalho’, e usando o seu tempo livre para a prática da atualização de si mesmo.

Chapter 3

schooling black males

Os homens negros mais que qualquer outro grupo de homens em nossa sociedade são percebidos como pessoas que tem poucas habilidades intelectuais. Estereotipados pelo racismo e pelo sexismo como sendo mais corpo que mente, homens negros provavelmente vão ser afirmados no patriarcado capitalista supremacista branco imperialista como pessoas que parecem ser burras ou, como se chamava nos estados unidos dos anos 50, como pessoas que parecem ser lentas (significando não muito inteligente). Na infância era óbvio para todo mundo em nossa comunidade toda negra que o homem pensador negro era percebido como uma ameaça pelo mundo racista. Não havia relação feita entre a habilidade de uma pessoa de pensar, de processar ideiais, e o nível de escolaridade. Homens negros bem educados aprenderam a agir como se eles não soubessem nada em um mundo onde o homem negro sabido corre o risco de ser punido.

Da escravidão para o dia de hoje individuais homens negros tem sido a linha de frente dos esforços africanos-americanos para adquirir educação em todos os níveis. Na parte final do século dezenove e no começo do século vinte, qualquer homem negro que estivesse procurando sair da escravidão e conseguir a liberdade olhava para a educação como um jeito de sair. Durante esse tempo a falta de recursos materiais muitas vezes levou famílais negras a enviar menininhas para a escola e empurrar os meninos para a procura de emprego. Em sua biografia dos anos de 1930 chamada *Black Boy* (tradução ao pé da letra: menino negro) o autor Richard Wright descreve sua vergonha da pobreza e a resultante falta de roupas e de livros. Ele diz “Eu comecei a escola no Instituto Howard em uma idade mais tarde que o costume; minha mãe não

tinha conseguido me comprar as roupas necessárias para me fazer apresentável." Como muitas famílias negras sofrendo stress econômico a família de Wright também estava fazendo mudança muitas vezes, o que significava que sua educação era fortemente interrompida: ele diz "Apesar de que eu tinha perto de nove anos de idade, eu não tinha feito um ano todo na escola sem interromper, e eu não tinha consciência disso. Eu podia ler e contar e isso era o que a maioria das pessoas que eu conhecia conseguia fazer, adultos e crianças." Em um mundo Jim Crow pós-escravidão, povos negros tinham que lutar para o direito de se educarem eles mesmos. E mesmo quando aquele direito era ganhado, a necessidade de sobrevivência material muitas vezes perturbava os esforços para conseguir educação dos homens negros.

Hoje em dia na cultura patriarca capitalista supremacista-branca imperialista, a maioria dos meninos de classes pobres e desprivilegiadas são socializados para acreditar que tudo que precisa para eles sobreviverem é a habilidade de fazer trabalhos braçais, os responsáveis por espalhar essa ideia são a mídia de massas e uma educação com preconceito de classe. Meninos negros, disproporcionalmente numerosos entre os pobres, tem sido socializados para acreditar que a força física e a energia (disposição) são tudo que realmente importa. Essa socialização está tão presente hoje como estava na escravidão. Preparados para se manter membros de uma subclasse, criados para não terem a chance e assim prontos para matar para o estado em guerras sempre que precisarem, homens negros sem privilégios de classe tem sempre sido alvo da educação errada. Eles tem sido e ainda são ensinados que "pensar" não é um trabalho de valor, que "pensar" não ira ajudá-los a sobreviver. Tragicamente muitos homens negros não resistiram a essa socialização. Não é um acidente a realidade na qual muitos homens e meninos negros de pensamento genial acabam encarcerados por terem sido considerados ameaçadores, maus, e perigosos.

Durante os períodos pesados da segregação racial legalmente sancionada, discriminação, e opressão, os homes negros de todas as classes eram verdadeiramente conscientes da necessidade de resistir a esses estereótipos. Eles tinham consciência que a ação de abraçar o estereótipo poderia ameaçar suas vidas. Todas as biografias e autobiografias de homens negros que conseguiram superar a pobreza na qual tinham nascido contam histórias de indivíduos que lutaram para educarem eles mesmos dentro de sistemas educacionais que não davam suporte. Richard Wright aprendeu a ler ainda no começo de sua infância e gostava de ler e pensar. Mesmo com isso ele foi colocado em desacordo com um mundo do trabalho branco racista que só queria um homem negro para ser obediente e burro. Wright relembra que ler livros deu a ele uma visão de uma vida diferente, que por se imaginar como um escritor manteu sua "esperança viva." Livros ensinaram a ele que haviam diferentes perspectivas que se poderia ter sobre a vida. Confessando que

queria que a sua vida tivesse sentido, ele confessa escrevendo o seguinte: “Eu estava construindo em mim um sonho que o sistema educacional inteiro do Sul tinha sido manipulado para sufocar…. Eu estava começando a sonhar o sonho que o estado tinha dito que era errado.” Um leitor e um pensador, o Wright era constantemente interrogado por seus colegas de classe e pelos professores que queriam que ele ficasse em silêncio. Eles queria saber “por que você faz tantas perguntas.”

Wright está contando uma história verdadeira do encontro de um jovem homem negro com o sistema da escola pública nos anos vinte, mesmo assim homens negros de todas as idades contam a mesma história hoje em dia. Compartilhando memórias de seus dias na escola, Ellis Cose escreve sobre olhar para trás e perceber que crianças negras pobre “eram consideradas impossíveis de educar.” Do mesmo jeito que o Wright, ele relembra pouca afirmação de seu desejo de aprender e diz: “A experiência com a escola primária fez ser difícil para eu levar a escola a sério. Eu nunca fui um estudante ruim, mas eu simplesmente não via a escola como um caminho onde muito aprendizado iria rolar, e também não via a escola como um lugar que iria esticar minha mente. E quanto mais escola eu recebia, mais a minha avaliação era confirmada. Como o Wright, o Cose foi castigado por ser um pensador e por fazer perguntas, e ele diz que: “Havia o professor, que era ou da terceira ou da quarta série, que disse para a classe que Negros tinham línguas preguiçosas. Era o jeito dela, eu acho, tanto de desafiar a gente como de reafirmar a gente, de fazer a gente confortável com nossas deficiências em leitura e pronúncia…. E também tinha o professor da sétima série que me castigou quando eu questionei o nível de material de leitura da classe. Sim, ela concordou, os livros eram escritos para pessoas da quinta série, mas nós não éramos capazes nem de fazer os trabalhos da quinta série, então me foi dito que era “melhor calar a boca e ser grato pela escola ter tido a dignidade de nos dar livros”. Vai e volta e homens negros estão de novo contando suas histórias de vida e descrevendo que foram punidos nas escolas por ousarem pensar e questionar.

A curiosidade que pode ser considerada um sinal de gênio em uma criança macho branca é vista como uma coisa que traz problemas quando é expressada por meninos negros. Escrevendo sobre sua infância nos anos 50, o poeta e educador Haki Madhubuti fala como suas atitudes a respeito da educação foram transformadas por sua leitura da história do Richard Wright. Ele relembra, dizendo: “Aos treze anos, minha mãe me pediu para ir à biblioteca pública de Detroit para checar um livro para ela. O título do livro era *Black Boy* (menino negro) escrito por Richard Wright. Eu me neguei a ir porque eu não queria ir para qualquer lugar pedindo por qualquer coisa que tivesse a ver com negro. O ódio a si mesmo que ocupava minha mente, corpo e alma simplesmente me proibiram…. Eu e milhões de outros jovens negros e negras,

nós éramos produto de um sistema educacional branco que quando tinhamos sorte nos ensinava a respeitar o deselvolvimento literário, criativo, científico, tecnológico e comercial dos outros. Ninguém chegou e disse aos homens ‘você deve odiar você mesmo.’ Porém, as imagens, os símbolos, produtos, criações, promoções e as autoridades da américa branca todas de um jeito bem escondido e outras muitas vezes de um jeito bem visível me ensinaram a supremacia branca, me ensinaram a odiar eu mesmo.” Ler *Black Boy* deu a Madhubuti a permissão para aprender, para ser um pensador crítico, e sobre isso ele diz: “Pela primeira vez na minha vida eu estava lendo palavras desenvolvidas em ideias que não estavam insultando a minha própria personalidade…. Quando completei *Black Boy*…. Eu de algum jeito era um tipo diferente de questionador na escola e em casa.” Homens negros aprendizes, como Madhubuti, muitas vezes tem a mesma realidade que professores negros desiluminados muitas vezes estereotipar meninos negros do mesmo jeito que professores não-negros tem.

Escrevendo sobre sua luta para conseguir uma educação nos anos oitenta em sua autobiografia chamada *Me faz querer gritar*, o Nathan McCall descreve a agressão racial que ele encontrou como um jovem de onze anos sozinho em uma escola onde a maioria era branca, e falou ele assim: “Eu era o único Africano Americano na maioria das minhas aulas. Quando eu entrava em uma sala e sentava, os estudantes perto de mim se levantavam e iam para longe…. Não era muito melhor lidar com professores brancos. Eles evitavam contato de olho comigo o máximo que conseguiam….Era muito para um de onze anos enfrentar, e eu não tentei. No lugar disso, tentei virar invisível. Eu ficava na minha, ficava quieto durante as discussões na aula, e nunca fazia perguntas durante ou depois das aulas. Eu mantinha meus olhos colados na minha carteira ou olhava diretamente para frente para evitar chamar a atenção para eu mesmo. Eu cambaleei, dormente e encolhido, em todo dia de aula.” O lar de McCall era um lar com pai e mãe. Seus próximos não eram pobres. Eles queriam que ele fosse ótimo na escola e por um tempo ele foi obrigado. Quando McCall sai da escola na adolescência para ir para uma escola com mais estudantes negros ele escolhe andar com os “da hora” no lugar de estudar, em suas palavras ele diz : “Depois de eu ter começado a sair, o propósito da escola mudou completamente para mim. Parecia mais uma arena social que um lugar para aprender. Os rigores acadêmicos perderam seu brilho e a recompensa por fazer o caminho honrado apenas não era a mesma. De repente, eu não queria ser visto carregando um monte de livros, e eu me senti muito consciente de mim mesmo para entrar em discussões de aulas.” McCall viu sua virada para longe da educação como uma rejeição de um mundo no qual ele tinha recebido a mensagem que ele não pertencia ali e que não pertenceria naquele lugar não importando qual o grau da sua inteligência.

Na autobiografia *Finding Freedom: Writings from Death Row* (e a tradução dela ao pé da letra é: “*Encontrando a liberdade: textos do corredor da morte*”) o autor Jarvis Jay Masters relembra ter mantido a crença quando era jovem de que não havia um jeito de sair do sofrimento. Ele chegou ao corredor da morte com habilidades mínimas de leitura e escrita. Criança de uma mãe solteira viciada e violenta ele nunca considerou a educação uma coisa que poderia mudar o seu destino. Ele acreditava que ele estava condenado: “Olhando para trás eu percebi que não era a raiva que me motivava, apesar de eu ter me escondido atrás da raiva para evitar certas verdades sobre minha vida. Eu lembro uma vez estar descendo uma rua, quando eu cheguei a uma árvore que estava crescendo no pavimento de um estacionamento entre carros. A minha primeira reação foi olhar para ela, estudar ela, ficar maravilhado. Eu pensei ‘como isso é possível?’ Mas eu não estava na escola, eu nunca aprenderia essas coisas. Eu esmaguei a pequena árvore porque eu sabia que eu nunca iria para a escola. Não havia lugar para maravilha em minha vida.” Crescido em cuidado adotivo, como um jovem negro adolescente o Masters via ele mesmo como em uma armadilha. Ele entrou em desespero cedo com pouca idade. Wright, que confrontou um sistema de opressão de raça e de classe muito mais brutal que qualquer um que o Masters teria conhecido, tinha aprendido na infância como vencer o sistema. Ele lia livros que ensinavam a ele como ter esperança. Masters pegou sua esperança de volta apenas na vida adulta, no corredor da morte, onde ele se tornou educado, onde livros ajudaram ele a libertar o espírito dele.

De um jeito afiado, Ellis Cose descreve o jeito como ele aprender a ser tão “desconfiado da escola, tão alienado de seus métodos, e tão convencido de que eu era muito inteligente para estar ali, que eu não estava com voltade alguma de dar o meu coração ali.” No texto “Fear and Doubt” (que tem como tradução rápida “medo e dúvida”) o Huey Newton escreve sobre os jeitos que homens negros desejam pela educação mas tem medo de falhar se eles buscarem ela: “Eles contam para as suas crianças que as coisas vão ser diferentes para elas se eles forem educados e habilidosos mas não existe absolutamente nada para estimular a educação fora esse aviso que ocorre aqui e ali. O povo negro é um grande adorador da educação, até a pessoa de mais baixo perfil socioeconômico, mas ao mesmo tempo eles tem pavor de ter seus medos verificados.” Esses sentimentos da primeira escolarização são expressados por homens negros em diferentes classes. No livro de memórias do meu tempo de menina eu escrevi sobre participar de escolas que tinham apenas pessoas negras onde alunos negros tiravam notas boas e eram considerados mais inteligentes até do que a garota mais inteligente e escrevi sobre como isso mudou quando as escolas foram integradas (alunos e professores brancos começaram a entrar). Professores brancos não tinham vontade de ensinar aos meninos negros e parentes brancos não estavam com vontade de ter meninos negros sentando perto de seus filhos e filhas. De

repente, meninos negros eram invisíveis. Quando um menino negro “especial” era permitido de estar nas salas premiadas isso só tinha ocorrido depois que ele provava que ele baixava a cabeça. Sempre, ele era o meino inteligente sozinho que tinha conseguido se sair bem, aprendido a ser obediente , a manter sua boca fechada. Meninos negros inteligentes que queriam ser escutados, naquela época e agora, muitas vezes são desconsiderados, considerados meninos problemáticos, e colocados em classes lentas ou em classes especiais que são meras celas de contenção para aqueles considerados delinquentes. Meninos individuais pobres e da classe trabalhadora que se sairam bem academicamente no sistema da escola pública sem render seus espíritos e suas integridades geralmente só conseguem porque eles tem um advogado, um parente, um cuidador parental, ou professor que se mete quando o sistema educacional tendencioso ameaça destruir eles.

Uma das principais razões que levam os defensores do black power a trabalhar em escolas administrando o café e/ou dando aulas particulares era o reconhecimento espalhado que sistemas educacionais não estavam apenas falhando para educar negros pobres mas estava satisfeito com essa falha, contente com culpar a vítima. Ainda assim devem culpar meninos negros de seis, sete ou oito anos porque não conseguem ler ou escrever? Quando a escravidão acabou em 1865 e quatro milhões de pessoas negras foram libertadas, a maioria delas não conseguia ler ou escrever. De acordo com o senso de 1900, 57 por cento dos homens negros eram analfabetos. Agora enquanto nos movemos para o século vinte e um, homens negros fazem uma grande porcentagem daqueles que são analfabetos. Sendo incapazes de ler e escrever ou de possuir conjuntos rudimentares de habilidades, pobremente educados homens negros são despreparados seja para entrar nos rankings do desemprego ou para se manter lá. Mesmo antes de meninos negros encontrar uma cultura de rua genocida, eles foram atacados pelo genocídio cultural que acontece cedo na infância nas instituições educacionais onde eles simplesmente não são ensinados.

Comprometido com criar livros que representem os jovens homens negros e colocar eles no centro das histórias universais, Eu escrevi um livro infantil chamado *“Be Boy Buzz”* (que tem como tradução rápida “Seja menino Buzz”), que é uma representação positiva da personalidade holística dos meninos. Os meninos representados são negros. O ilustrador do livro é um homem branco. Quando as primeiras ilustrações foram mostradas para mim, eu percebi que muitas das imagens eram de meninos negros em movimento, correndo, pulando, jogando; Eu pedi imagens de meninos negros estando firmes, aproveitando a solidão, lendo. A imagem de um garoto lendo foi especialmente importante de incluir porque é óbvio que essa sociedade manda ao meninos negros a mensagem dizendo que eles não precisam ser leitores. Em algumas famílias negras onde ler é incentivado em meninas pequenas, um menino que gosta de ler é percebido como suspeito, como que se estivesse a

caminho de virar um “viadinho.” Certamente enquanto pessoas negras comprarem a noção da masculinidade patriarcal, que diz que homens de verdade são todo corpo e nada mental, meninos negros que são cerebrais, que querem ler, e que amam livros vão correr o risco de serem ridicularizados e acusados de não serem masculinos. Certamente representações de televisões do homem negro estudioso em séries de comédia (por exemplo, o Urkel de *Family Matters*) sugerem que o homem negro estudioso é uma aberração, um monstro. Parentes permitem meninos negros consumirem essa imagem negativa e depois perguntam por que eles não querem ser aprendizes sérios e leitores engajados.

Ler tem sido uma fonte fundamental de conhecimento, poder, e libertação para homens negros, especialmente muitos homens negros adultos emprisionados. Ao mesmo tempo, muitos responsáveis homens negros desempregados são analfabetos e não tem acesso a uma estrutura educacional que ensine eles a ler e a escrever. Eles talvez também sejam consumidos por sentimentos de vergonha por eles não terem dominado essas habilidades em sua juventude e talvez eles neguem procurar educação como adultos por causa disso. Prisioneiros homens negros adultos, com tempo em suas mãos, em maioria aproveitam a oportunidade para aprender habilidades de escrita e leitura. Ainda assim essas são habilidades que eles deveriam ter aprendido na escola no começo da vida.

Aprender a ler e escrever são as habilidades básicas se uma pessoa quer trabalhar e ser um cidadão completamente produtivo. Essas habilidades não são ensinadas para a maioria dos homens negros. Sistemas educacionais falham em transmitir e inspirar o conhecimento em homens negros de todas as idades. Ao mesmo tempo, muitos homens negros se formam do ensino médio escrevendo e lendo no nível de terceira ou quarta série. As demandas do trabalho e da família podem levar eles a parar de ler e escrever completamente, consequentemente eles perdem as habilidades que uma vez tiveram no lugar de construir em cima delas. Eu ensinei muitos jovens negros em aulas de faculdade, grandes leitores e escritores, que simplesmente param de ler ao entrarem no mundo do trabalho. Eles dizem que eles não tem tempo para ler. Mas eles também dizem que ler é estressante , especialmente se ler faz eles pensarem sobre assuntos que geram mais sentimentos de impotência e desesperança. Eles preferem se divertir no seu tempo de inatividade. A maioria deles não considera ler uma atividade prazerosa.

Diferente dos homens da geração do meu pai, que acreditavam que eles deveriam ser pensadores/intelectuais orgânicos, os homens negros de hoje focam em fazer dinheiro. Quando os homens da geração do meu pai chegavam em casa de seus trabalhos menosprezados e que pagavam pouco eles queriam participar de conversas sérias. Eles liam jornais, livros. E muitas vezes eles não deixavam os brancos patrões saberem que eles eram “pensadores.”

De novo deve ser feita uma distinção entre ser educado e ser um pensador crítico, alguém que reflete sobre o mundo.

Hoje muitos homens negros inteligentes que foram bem educados sabem que eles não eram para ser pensadores críticos e eles não tentam ser. Um homem negro, mesmo um educado, que pensa criticamente ainda é considerado suspeitamente na cultura convencional. Muitas vezes homens negros educados em empregos bem pagos aprendem a acreditar a fazer a pose do "fazer igual pra se enturmar". Um homem negro solteiro com mais de trinta anos trabalhando em um ambiente de trabalho onde a maioria eram mulheres brancas percebeu que ele era continuamente tratado como um objeto sexual. Uma mulher jovem branca escreveu para ele notas na versão dela do inglês negro dizendo a ele que "ela estava querendo ser sua piranha". Apesar de ser consciente do sexismo racializado no gesto dela, ele sentiu que se ele não aparentasse levar aquilo como brincadeira, ele não aparentaria ser um que joga em equipe, que não seria um do grupo. Mesmo assim esse homem negro de classe média que nunca tinha falado inglês quebrado ou uma gíria negra estava sendo forçado a aparentar um "rap do gueto" que significava para seus colegas de trabalho que ele era realmente negro.

Enquanto ele muitas vezes ouvia sobre homens negros privilegiados assumindo um estilo menino favelado gangueiro, nós raramente escutamos sobre a pressão que eles recebem de pessoas brancas para provarem que eles são "realmente negros." Essa pressão é parte do arsenal racial psicológico pois constantemente deixa pessoas negras educadas, especialmente homens negros, saberem que nenhuma quantia de educação permitirá à eles escapar da imposição de estereótipos racistas. Muitas vezes em configurações educacionais predominantemente brancas, homens negros fazem seu show de favelado estereotipado como um jeito para se proteger da raiva racializada branca. Eles querem parecer inofensivos, não uma ameaça, e para fazer isso eles tem de entreter pessoas sem luz por deixá-los saberem que "Eu não openso que eu sou igual a você. Eu sei meu lugar. Apesar de eu ser educado eu sei que você pensa que eu ainda sou um animal no coração." Em *Black Rage* (de tradução literal: Raiva Negra) os psiquiatras William Griar e Price Cobbs descrevem o que eles chamam de "um homem negro paradigmático": Esse homem é sempre descrito como "legal" por pessoas brancas. Em qualquer configuração integrada na qual ele trabalhar, ele é o padrão contra quem outros negros são medidos. Se todos fossem como ele apenas, tudo seria muito melhor.' Ele é passivo, não assertivo, e não agressivo. Ele fez uma virtude de identificação com o agressor e adotou uma maneira insinuante e complacente." Ambientes educacionais integrados racialmente tendenciados frequentemente pedem para que homens negros atendam a esses requerimentos para provar que eles são ensináveis, que eles podem aprender. Em estruturas educacionais segregadas era simplesmente uma realidade aceita aquela que homens negros poderiam e iriam se dar bem academicamente. Essa é uma das razões para que muitos pais negros

hoje apoiem movimentações para criar escolar segregadas. Durante os anos de segregação racial legalizada, ninguém nas comunidades negras viam educação como uma coisa “branca”.

Durante o mundo pós-1960 de integração racial, pessoas negras educadas muitas vezes assimilaram a lógica da supremacia branca dominando pessoas negras que eles consideraram inferior. Essas atitudes fizeram muitas pessoas negras desabastadas educacionalmente a começar a ver a pessoa negra educada como uma inimiga. Anti-intelectualismo brota na cultura como um todo. Por causa disso, pessoas negras, especialmente aquelas que viveram em um mundo segregado onde o acesso à educação não era simples, que não eram educadas, eram predispostas a serem suspeitosas de pessoas negras educadas. A polêmico direitista de John McWhorter *Losing the Race: Self-Sabotage in Black America* (de tradução literal: Perdendo a Raça: Auto sabotagem na América Negra) faz a útil colocação de que pessoas negras “tem herdado o anti-intelectualismo de séculos de desamparo” mas cai rápido por não relacionar o anti-intelectualismo de pessoas negras ao anti-intelectualismo geral na cultura. McWhorter tem gastado muito de sua vida entre brancos educados que ele parece incapaz de enfrentar o anti-intelectualismo que é ensinado pela mídia de massa, especialmente a televisão. Ele insiste que “anti-intelectualismo não é imposto aos negros americanos pelos brancos, mas passado adiante como um traço cultural.” É obvio que para fazer essa fala McWhorter tem que ignorar o legado intelectual e academico de Africanos-Americanos antes dos anos 60.

Anti-intelectualismo em comunidades negras é muitas vezes uma arma usada na guerra de classe entre aqueles povos negros que se sentem condenados a uma existência limitada porque eles não são educados e são então incapazes de se moverem para cima e pessoas negras educadas que estão lutando para estarem entre a classe gerente profissional. Essa classe privilegiada de pessoas negras tem tido a tendencia de considerar os despreparados com desdém. E os não educados tem respondido refletindo esse desprezo. Apesar de escutarmos mais sobre os últimos do que os primeiros. Muitos dos defensores jovens do black power eram leitores ávidos. Eles eram pensadores críticos bem educados. Alguns deles eram intelectuais orgânicos. Não há anti-intelectualismo em seus textos e nenhuma equação de educação com ser branco. No mundo racialmente integrado da educação, acadêmicos negros que adquiriram uma educação como um meio de mobilidade social muitas vezes desvalorizam seu aprendizado quando conversando com negros não educados. Muitas vezes pessoas negras educadas em faculdades se sentem alienadas da comunidade negra. Quando dada a oportunidade de socializar e se enlaçar com pessoas negras, eles talvez minimizem a educação como um meio para de se conectar com um mundo negro anti-intelectual. Isso é também uma estratégia do topo do ranking. Eles conseguem se manter em suas posições como elites negras excepcionais sendo porteiras que escondem o conhecimento dos jeitos que a educação empodera enquanto fingem que ela é sem importância.

Defensores da auto-determinação negra tem sempre priorizado educação ligando ela com o desenvolvimento de consciência crítica e pensamento crítico. Na verdade

defensores do black power eram em maioria críticos da deseducação de pessoas negras pelo sistema educacional existente e esses defensores do black power eram também a favor da formação de escolas negras progressistas. No começo dos anos setenta o livro de Don L. Lee chamado *From Plan to Planet: Life Studies – The Need for Afrikan Minds and Institutions* (de tradução literal: De Plano[plan] para planeta: Estudos da vida – A necessidade de mentes e instituições afrikanas). Nesse livro, havia foco na necessidade de educação. Instigando homens negros a criar estruturas educacionais progressistas ele escrevia: "Onde estão sendo treinados os homens negros? A maioria em esquinas de ruas ou em prisões. Por que é que nossos irmãos não desenvolvem um nível de consciência negra no lado de fora do mesmo jeito que eles desenvolvem no lado de dentro? Por que é que a maioria dos irmãos ganham as suas consciências políticas dentro de prisões depois de 99 anos ou perpétua terem sido esbofetadas neles? Bem, principalmente porque eles falharam em construir as instituições necessárias para educar e re-direcionar nossos homens… Em nossa nova sabedoria é fundamental que nós comecemos a institucionalizar nossos pensamentos e ações e precisamos de instituições para isso." Don L. Lee(renomiado Haki Madubuti) fundou escolas progressivas.

Em sua visão de cedo de construção de instituição, uma visão que ele compartilhava com outros homens negros anti-racistas, ele ligou a criação de escolas com o nacionalismo negro. A integração levou várias pessoas negras a esquecer o nacionalismo negro porque ele era ligado ao separatismo racial. Encarando a falha da educação em educar homens negros hoje, indivíduos, especialmente aqueles que são afrocentricos, pressionar por escolas separadas. Muitas vezes escolas separadas para meninos negros são apresentadas ccomo a melhor alternativa educacional por causa de sua ênfase em disciplina estrita no lugar de aprender. Ainda assim muitas vezes não é o rigor que leva meninos a ir bem nessas escolas. No lugar do rigor e da disciplina extrema o que faz os meninos irem bem é o fato de que eles são cuidados, de receberem atenção, e percebidos como aprendizes que podem ter sucesso na academia. Meninos individuais educados em ambientes fortalecedores muitas vezes retornam quando eles entram em escolas predominantemente brancas onde eles são estereotipamente categorizados como não-aprendedores.

Programas literários baseados na massa, especialmente aqueles que miram em negros homens desempregados, que liguem aprendizagem ao desenvolvimento do prensamento crítico, são necessários para reificar a falha da aprendizagem inicial. Educação em casa, tão bem como a formação de escolas progressivas privadas que eduquem para a formação de consciência crítica são importantes alternativas para homens negros. Se homens negros podem educar e/ou reeducar eles mesmos em prisões, é totalmente possível que pessoas negras preocupadas possam escolarizar pequenos meninos negros corretamente em comunidades e lares onde eles vivem. Em subculturas onde essa educação já está ganhando área, meninos negros e homens negros recuperam sua vontade de aprender, de ser educados apesar das tentativas que essa sociedade fez de esmagar o espírito e silenciar mentes inquiridoras. A escolarização

progressista de negros homens podem virar uma norma apenas quando começarmos a ver a educação deles sériamente, recuperando a ligação entre aprendizagem e libertação.

Chapter 4

don’t make me hurt you

black male violence